

ASSIGNATURAS
 ANNO ... 20\$000
 SEMESTRE .. 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 1º DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Nenhum curioso nessa arte trivial de alinhar cifras, teve a pachorra de calcular quanto teem custado aos cófres da Republica, os successivos remendos nos pardieiros, destinados á funcção Augusta da justiça.

A mesma penna que rabisca esta chronica protestou contra os concertos projectados nas duas casas da rua da Constituição, no tempo em que accommodavam mal e indecentemente os tribunaes da justiça local. Os concertos eram provisórios e caros, e nós pensavamos que, em vez de estar fecundando mulher alheia, seria mais vantajoso e mais economico construir o *forum*, um templo condigno daquelle sagrado ministerio social. Mas, os homens do governo, abrigados na infallibilidade de suas deliberações, como uma tartaruga no duro casco, fizeram ouvidos de mercador ás suggestões sensatas, e mandaram concertar os dois predios, porque, sendo provisoria a séde do governo federal no Rio de Janeiro, não convinha dispender fortes sommas com um edificio apropriado.

Depois desse remendo, se verificou que os taes pardieiros, de carissimo aluguel, e imprestaveis, deviam ser abandonados. Cogitou-se, então, de remover a justiça para o velho edificio do museu da praça da Republica, removendo este para a quinta da Boa-Vista, de modo que ficassem as nossas collecções preciosas, o producto de penosas investigações de trez gerações de homens de sciencia, segregados do alcance dos estudiosos ou da curiosidade dos estrangeiros que nos visitam; e dispenderam-se cerca de quatrocentos contos em adaptar aquelle outro pardieiro ao trabalho dos tribunaes.

Esse remendo, feito a peso de ouro,

foi, como os anteriores, em pura perda: o immenso casarão mal pôde conter a côrte de Appellação e duas pretorias, ficando o Jury no andar térreo, escuro, baixo, infecto e tão ruim que, para o julgamento de causas celebres, foi necessario recorrer a outros solões, como aconteceu no caso do *Attentado*, cujos responsaveis fôram julgados no paço da Intendencia Municipal.

Nesse interim, adquiriu o governo, para proporcionar gôrda gorgêta a um afeiçoado, advogado, administrativo, outro casarão da rua dos Invalidos, cujo valor andou por obra de duzentos contos de réis, e alojou allí, atabalhoadamente, as camaras civil e criminal.

Não se attendeu a inconveniencia da situação daquelle predio, distante do centro de negocios da cidade, numa rua barulhenta, preferida pelos vehiculos pesados que, além de uma trepidação horrivel, provocavam nuvens de poeira suffocante e doentia: as reclamações da imprensa caíram no clvido, porque era indispensavel justificar com aquella adaptação absurda o excellente negocio feito pelos amigos gananciosos.

E, tomado, então, de um zêlo occasional pela justiça federal, o governo se compadeceu della, dos ministros, juizes e funcionarios, enclausurados no lixo, nas traças, na immundicie abjecta da sujidade veneravel de outro pardieiro da rua do Lavradio, e deulhe o palacio da rua 1º de Março, construido, na sumptuosa crise de delirio da febre do *ensilhamento*, para o Banco da Republica.

Dessa vêz, pagou as fâvas o encontro de contas, uma especie de rôda de engeitados, onde procuravam refugio todos os filhos espúrios da politica-gem; onde se liquidaram todos os negocios inevitaveis e aquelles que não cabiam nos apertados canaes do The-soiro Nacional. Passaram tambem, por allí, as prodigalidades do governo, que cortou largo no débito do Banco

da Republica, como se elle não representasse dinheiro da nação, como se fôsse divida perdida numa liquidação de miseria.

A politica financeira fixára, então, o seu eixo na limpeza dos negocios velhos, nas liquidações que se arras-tavam carunchosas por interminaveis tranmites fiscaes.

Mas, installado o Supremo Tribunal no palacio que custou milhares de contos de réis, se reconheceu que as accommodações de um estabelecimento bancario não eram adaptaveis á funcção dos tribunaes federaes; que aquelles tectos doirados, ornamentados profusamente, não haviam obedecido ás leis de acustica. Em consequencia desses notaveis defeitos, a vóz dos juizes veneraveis, já enfraquecidos pela idade, se tornou quasi imperceptivel para os curiosos e interessados, que allí vão em busca da palavra Augusta e sabia dos mais elevados magistrados da Republica.

Para remediar esse mal, foi necessario calçar de asphalto a circumvisinhança, uma vez que era impossivel supprimir o transito daquelle rua, a mais activa e barulhenta da capital, durante as horas de sessão.

No intuito de reparar a série de erros anteriores, o governo deliberou, agóra, remover a côrte de Appellação para o pardieiro da rua dos Invalidos, reparado rapidamente mediante o dispendio de uma centena de contos de réis, e o outro pardieiro, que elle abandonou, váe ser adaptado ao alojamento do Archivo Publico, com uma despeza de quatrocentos contos.

Para não torturar o leitor com algarismos, basta ponderar-lhe que, sómente, esse casarão da praça da Republica váe custar, em dois concertos successivos, setecentos contos.

Addicionando a essa gôrda quantia, o valor dos concertos anteriores de outros prédios inuteis no periodo de quinze annos, e a aquisição do pa-

lacio da rua 1º de Março, verificaremos que essa contradança de adaptações incoherentes, imprestaveis, tem consumido rios de dinheiro, melhor empregado se, ouvindo as indicações do bom senso, o governo construisse, com todas as regras d'arte, um edificio especial para a installação definitiva dos tribunaes.

Mande o honrado ministro da justiça dar um balanço nessa despeza de desperdicio em reformas, em repáros de casas velhas, nos alugueis dos predios das pretorias, e se convencerá de que é muito mais vantajoso dotar a capital com o tão ambicionado palacio da justiça, applicando a isso o valor dos proprios nacionaes que serão muito bons, destinados á habitação privada, mas não servem, absolutamente, para repartições publicas.

Deve s. ex. aproveitar a auspiciosa tendencia para o embelezamento da cidade, secundar a patriótica iniciativa que vá transformando a cidade na mais bella capital da America do Sul e esmagando a protéria secular, que afastava do nosso porto, systematicamente, como de um fóco de peste, a concurrencia estrangeira que se canalizou para Buenos Aires.

Não ha quem conteste ao governo do sr. Rodrigues Alves, o merecimento — de applicar a esse nobilissimo empreendimento o tempo que lhe sóbra de ouvir os insaciaveis pedidos da politicagem, de remexer, deslocar, transferir os pobres funcionarios, que se não submettem passivamente aos caprichos dos manda-chuvas, e de augmentar as legiões incontaveis de officiaes da guarda nacional, uma das pragas da nossa organisação; não ha quem regateie louvores aos melhoramentos que nos dão abundancia de ar, de espaço e bellas perspectivas, factores de saúde e prosperidade; e, assim como todos acolheram a idéa de dotar a Camara dos deputados com uma installação correspondentemente á sua alta função, ninguem deixará de apoiar o sr. ministro da justiça, se s. ex., abandonando o trilho de erros funestos, absurdos e carissimos, resolver dotar com um templo o sacerdocio da justiça.

SYLVIO ROMÉRO (1)

(POLEMISTA)

No estudo de Sylvio Roméro sobre Martins Penna, publicado na *Revista Brasileira* em 1897, salienta-se um systematico pessimismo que quasi chega ao absurdo. Nesse trabalho, elle se incumbem de provar que o Brazil está condemnado a ser eliminado, por completo, do quadro das nações intellectualmente civilisadas.

O capitulo é triste; e ainda mais triste é que taes conceitos encontrem assentimento de José Verissimo e João Ribeiro, cada um por seu feitio.

José Verissimo diz, por exemplo, «que, assim como em philosophia e em sciencia, somos inaptos para cogitações abstractas e generalisações fecundas, somos por igual improprios para as creações artisticas que demandem capacidades efficientes de observação, de analyse, de generalisação e de synthese. Não temos até hoje um verdadeiro pensador no rigor do termo». (2) Taes palavras revelam, si não desalento occasional, pelo menos necessidade de coherencia; parecendo antes que o auctor, ao verberar a litteratura apressada dos nossos tempos, para diminuir a crueza dos termos em que atacava a *Flôr de sangue*, romance de Valentim Magalhães, não achou outro geito de ser justo senão fundamentando os seus assertos numa levandade constitucional da raça brasileira. Procedendo por este modo, o critico exigia um impossivel do Brazil, nação de hontem e mal educada, pedindo-lhe aquillo que só póde, em summa, apparecer no fim de seculos de mestrança, mas tambem punha de parte a biographia e os productos intellectuaes de homens como João Francisco Lisbôa, José Bonifacio, Gomes de Souza, Teixeira de Freitas e outros, que só não fôram maiores por falta de theatro adequado a uma producção mais copiosa. Porque não somos desde já a Allemanha, ou a Inglaterra, não se segue que nos falte a faculdade de abstrahir e generalisar. Ao contrario disto, vejo no Brazil bastantes disposições para isso. Lembre-se o illustre escriptor de que até aos ultimos dias do Imperio, não se nos deixou escrever a nossa historia, e é bem sabido o porquê dessa lacuna. Como era possivel que houvesse pensadores ou philosophos originaes, rigorosamente falando, onde a historia politica ainda não pudéra ser cultivada?

João Ribeiro, no denegrimto das condições da existencia nacional, é mais percuciente. A sua viagem á Allemanha, si por um lado permittiu-lhe apoderar-se de uma bella armadura scientifica, maxime no que entende com os estudos sobre a historia da ci-

vilisação, por outro fez-lhe germinar no espirito prevenções, não direi demoniacas, mas de um sceptismo cruel, aliás cheio de sympathias e enthusiasmo pela cultura teutonica. O phenomeno, porém, por operar-se num espirito cordato e sereno, como folgo de reconhecer-lhe, tem explicação na alma poetica e cheia de sensualismo artistico desse sergipano de apparencias muito burguezas. Passado o sossôbro esthetico, a reflexão o reconduzirá á medida da philosophia, que ambos professamos, depois de havel-a bebido nos bons auctores inglezes. Todavia, não convém deixar sem commentario, embóra rapido, as novas idéas de tão alevantado talento.

O illustre professor do Gymnasio Nacional tambem sustenta a nossa incapacidade para tudo quanto não seja fazer desordens e publicar versos lyricos. Para condemnar a vida brasileira, elle começa por atacar a democracia e o patriotismo. Os argumentos, váe-os buscar no humanismo de Goethe e de Schiller, desenvolvido de modo mais completo pelos bellos espiritos da Germania de hoje. E quaes são esses argumentos? São os que se dedúzem da qualidade provisoria desses sentimentos. João Ribeiro, que não trepida declarar-se contrario ao patriotismo e ao liberalismo, diz, para quem o queira ouvir, que o «patriotismo é um sentimento mortal na America do Sul», e que «todos os americanos patriotas são por isso mesmo aborigenes. provisorios, primitivos pelasgos, autochtones, que a civilisação um dia varrerá do sólo». (3) Sem entrar na explicação do que se deva entender por autochtones, *vis á vis* do que se chama civilisação, nem tão pouco definir o que venha a ser essa humanidade concebida, não por philosophos, mas por artistas, descuidados da observação dos phenomenos expansionistas e economicos, bastaria para provar a inanidade de taes idéas, lembrar o facto, aliás visivel para os menos instruidos, de que no momento actual as nações civilisadas ou europeas são as que mais se acirram no patriotismo, que outra coisa não é sinão a tendencia cada vez mais crescente, em cada uma dellas, de se individualisar no concurso feróz da apprehensão das riquezas produzidas pelos povos ditos coloniaes. E' verdade que essas injustas nações, emquanto se conservam dentro do proprio territorio, que a historia lhes assignou, não se descuidam de lêr os seus philosophos e prégar a utopia do humanitismo, sem a qual já se teriam entre-devorado; mas, o que é revoltante é que ellas no momento em que, montadas em suas esquadras, se afastam do Mediterraneo e das costas do Atlantico, não escrupulisem construir essa theoria innominada, de que os povos transoceanicos não têm *humanidade*, e por-

tanto, na qualidade de provisórios, deverão ser varridos da face da terra, ou melhor escravizados. E por que não ellas, si, *mutato nomine, de fabula narratur*? Acaso haverá maior e mais escandaloso provisório do que o dessas potencias, que, aferradas á manutenção incondicional das suas tradições, se desorientam, todavia, no inutil esforço de dissimular a necessidade de transformações successivas dessa sua milenaria estructura, que é incompatível com o mundo, e que as está arrasando a guerras expansionistas—guerras que já lhes vão custando terríveis desenganos? (4)

Pôrei de parte o que o publicista nos pretendeu dizer acompanhando David Strauss, que aliás teve em Lange cabal refutação, a respeito do que ha de mysterioso e divino na idéa monarchista, porque não comprehendo como a Republica pode eliminar no Brazil os valores creados pela instituição decaída, a não se querer corporisar esses valores, em alguns homens ainda vivos como o visconde de Ouro Preto e Andrade Figueira. E acredito que, no momento actual, João Ribeiro, a quem incontestavelmente se reserva uma brilhantissima carreira, terá diante dos factos recentes, modificado suas idéas, repellindo a lição de Rich André, quando diz que «a civilização é um producto da Europa, pela Europa e para a Europa, que fóra do seu grupo ella não existe». (5)

Nenhum dos dois pessimistas citados, porém, ataca tão fundamentalmente a nossa cultura e o nosso desequilíbrio, como o auctor da *Historia da litteratura brasileira*.

Sylvio Roméro começa fazendo a historia da maledicencia brasileira. Desde Gregorio de Mattos até Abreu e Lima, são postos em contribuição todos os pessimistas de vulto que fallaram mal da sua terra. O critico sergipano condemna-os e não lhes dá quartel. Todavia, si bem que se declare collocado no meio termo entre o optimismo e o pessimismo, desanima de que o Brazil possa tão cedo vir a ser uma verdadeira nação, dominada, como é, por uma maioria de mestiços. Pensa elle que só quando a immigração povôar de brancos o sul do Brazil, e este refluir sobre o norte, si tal hypothese se dêr, haverá alteração da constituição do exercito de mulatos que nos governa, e a vida nacional tomará outro rythmo. «Até lá, muita agua terá que rolar pela cachoeira de Paulo Affonso, e o Pão de Assucar será testemunha de muito acontecimento». (6)

E porque somos, segundo a sciencia, um povo secundario, não ha sinão esperar a mais completa anarchia politica e a mais completa ausencia de dotes artisticos e litterarios. E' a essa mutilaria que devemos as desgraças que nos opprimem; foi ella que em todos os

tempos se produziu na historia como fatora dos mais deploraveis erros. Sylvio Roméro, porém, não adduziu os factos que devem robustecer essa sua theoria. Entretanto, seria occasião de perguntar si os escandalos de todas as épocas e a politica desequilibrada que secularmente nos afflige, tem sido obra de outros, que não os descendentes da raça branca.

Gregorio de Mattos não era branco? Os Andradas não seriam brancos? Não era branco o sr. d. Pedro II? Cito apenas tres exemplos para não fatigar os leitores, aos quaes não será difficil organizar o catalogo dos escandalosos por temperamento e dos factores dos erros politicos commettidos nesta patria. Por outro lado, perguntaria de que raça seriam os que mais concorrem para a coordenação da vida nacional. Não me encarregarei, neste momento, de cital-os para não despertar furias ethnologicas.

Na opinião, pois, de Sylvio Roméro, não haverá melhor providencia a adoptar do que entregar o Brazil á direcção da politica puramente internacional, cujas bellezas todos nós, no momento em que escrevo, estamos contemplando, surpresos e combalidos. (7)

A logica devia forçal-o a esta conclusão. Mas, não. O critico sergipano é muito caroavel a estes e outros arrastamentos. Foi a politica de Sergipe que levou o seu espirito de ataque a exprimir-se como acabamos de ver. E as comedias de Martins Penna, que era pouco observador e ainda peor psychologo, ministraram-lhe as scenas e os aspectos, todos falsos, do Brazil, que no momento convinha apresentar como justificativa dos seus assêrtos.

Que esse pessimismo é occasional e determinado pelas necessidades psychicas do polemista, prova-o aquillo que o mesmo Sylvio Roméro escreveu, em 1888, na *Historia da litteratura brasileira*, onde não se encontra precisamente a apologia dos que fulminam a incapacidade da mestiçagem. Ao contrario, o critico defende-a dos hybridistas, e enaltece a raça nacional a ponto de dizer que, excluido Camões, nada ha em Portugal que nos possa causar inveja; e, inda melhor, essa sua opinião é defendida por Hypolito José da Costa, que o critico escolheu para patrono de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Não pertenco á casta dos criticos indifferentes; e já uma vez disse que não afagaria os intellectuaes sem patria, que, a titulo de philosophia primeira e de grande arte, pretendem systematisar o syndicato do gôso *sobre-humano*, evadindo-se ás mais elementares responsabilidades da especie e do grupo que os formou. (8) Si estou em erro, direi, parodiando Leopardi, apesar de pessimista: *naufragare in questo mare m'e dolce*.

Estou convencido de que ha idéas traidoras, como ha homens perfidos e dissimulados. Ora, o pessimismo de alguns de meus patricios, nasce não de uma philosophia, vem desse desalento que gera a decadencia, mas em regra de se terem encasquetado de que o pessimismo constitúe um instrumento de progresso. Não ha quem desconheça que no homem como nas sociedades o impulso nasce do confronto que se faz da realidade com o idéal que cada um ou cada uma pôde architectar. Toda a dinamica social encerra-se nisto: sair de um estado de consciencia inferior para um superior. Si se trata da obstinação em buscar esse incremento, preferindo o esforço contínuo á immobilisação no *statu quo*, serei o mais refinado pessimista, pois ninguém tem vivido mais do que eu a ansiar por taes deslocações. Não é este, porém, o pessimismo que professam os criticos nacionaes a que me refiro; e um delles é até nacionalista. Que é, pois, que os impede de tomar o caminho desse meliorismo, de que falava George Elliot, e de se tornarem menos acrimiosos para a gente brasileira? Cuido tel-o descoberto na suggestão da idéa infiel de que o desprêso das qualidades constitutivas do fundo brasileiro, é o unico meio de transformar esta terra em um paiz civilisado. Lembrou-se um dia Gustavo Lebon de attribuir o «atrazo das republicas americanas do sul, na frequencia das suas revoluções, ao máu resultado produzido pelo cruzamento de raças desigualmente desenvolvidas». Essa idéa, em grande parte producto da angustia latente na Europa, e para cujo correctivo a Allemanha tem buscado remedio na theoria das raças e no darwinismo, achou a sua primeira repercussão séria entre nós através do livro de Eduardo Prado, *A illusão americana*, e avolumou-se com o concurso de opiniões lateraes, mas que, na minha opinião, os levam forçosamente a central-as por via directa ou indirecta, num só movimento — no desprestigio das democracias americanas. Neste presupposto, o Brazil appareceu como uma nação perdida, não só por força das instituições *impossiveis* que adoptou, mas tambem porque a raça composita, que fórma a sua população, é uma raça decadente, arruinada, incapaz de desenvolver-se e de crear. (9)

Ora, eu me acho inteiramente em discordancia com este conceito, por mais apadrinhado que venha pelo darwinismo, que aliás não o suffruga, e por sabios europeus, indifferentes ás nossas desventuras. Ao contrario disto, penso que temos raça capaz de todos os progressos, e que, longe de desprezarmos as nossas qualidades differenciaes, devemos cultival-a com amor,

de sorte que, entrando no concerto das nações e tirando delle a força que nos falta, possamos dizer ao mundo qual nosso papel e a feição que a natureza nos destinou.

Não é o Brazil *le plus valet des peuples*, como dizia Sylvio Roméro em 1872. Nem nos deixemos confundir pelo daltonismo, que essa theoria, fundada para auctorisar a expansão e justificar a expropriação dos povos sem esquadras, inventou a philosophia fim de seculo inspirada pela audacia dos Guilherme II, dos Cecil Rhodes e de outros impulsivos, que se illudem, tomando a hypertrophia da volição pelo destino e guia das nações.

Felizmente, vejo que nem todos os escriptores europeus se deixaram perverter por esse arrastamento, mixto de terror e de anceios de grandezas, do qual só tenderá a sair o substratum de que se formarão os Neros modernos. O illustre russo Novicow, na sua obra *L'avenir de la race blanche*, refúta cabalmente a hypocrisia da escola politica, que tem procurado fundar numa pretensa nobreza ethnica as pretensões das nações anglo-saxonicas ao predomínio, ora mystico, ora industrial, do mundo, e o seu consecario, que é o exterminio das raças inferiores que ameaçam pelo numero a civilisação européa. Nesse livro, são dignos de leitura os capitulos escriptos em resposta aos terrores de Faguet diante de uma imaginaria probabilidade de invasão amarella, e ás theorias de Le Bon e principalmente de Lapouge, o qual inventou para a raça a que pertencem os seus clientes, o principio ethnologico do *eugenismo*, que não é outra coisa sinão a glorificação desse *dolycocéphalo* louro, o *Homo Europæus*, em opposição ao *brachycéphalo* moreno e ao *mesaticéphalo* miseravel, theoria esta que prestou mão forte aos despautérios poeticos de Nietzsche.

Todos os exagêros scientificos têm o seu limite no tempo e no espaço. A comparação e os successos posteriores á doutrina, acabam por tirar-lhe o util, e despresando o extravagante fazem-na entrar na ordem universal e na marcha historica da humanidade, que ella tentou perturbar. E' o que já vaé acontecendo com a theoria dos philosophos puramente biologistas, que tudo querem reduzir ao seu ponto de vista de ratos de laboratorio.

O factor que excede a todos em ensinamentos é o da successão das idéas na vida de humanidade. «As idéas dos homens determinam o seu estado social, diz Novicow, e, sendo este estado, em ultima analyse, uma resultante de causas innúmeras e complexas, é inevitavel que escapem á debilidade de nosso espirito, o que parece muito natural, porquanto perturbando-se diante dessa infinidade de malhas inextricaveis, para escapar ao

soffrimento resultante dessa anciedade, por uma especie de reacção, se é levado a attribuir tudo a uma causa unica. Assim, por exemplo, no que entende com a civilisação, cada auctor suggère uma causa differente: segundo Lapouge, ella procede do eugenismo; segundo Buckle, da diffusão dos conhecimentos positivos; segundo outros, da relegião dos grandes homens, etc., etc.» (10)

E tudo isto cifra-se num mixto de preguiça e orgulho, que não se sujeita á lei da continuidade do trabalho, pensando cada grande philosopho, como cada grande conquistador, que o mundo váe se acabar.

Não sirva, pois, o ponto de vista eugenico de pretexto para que as nações adiantadas se precipitem, como feras sobre as que se atrazaram um pouco, como o estão fazendo agóra, porquanto não só poder-se-á encontrar nessas mesmas nações surprêsas para a sciencia e reacções inesperadas na politica, mas tambem ninguem sabe que forças se occultam entre os povos hoje chamados barbaros, e que conclusões a historia está disposta a tirar das combinações desses novos elementos. (11)

Não necessitamos, portanto, para salvar o sólo do Brazil, eliminar o povo, que o tem regado com lagrimas e suór, e chamar a conquista européa ou americana, como unico meio de fazel-o florescer e de libertar esta terra «da humildade do negro, da indolencia do indio e da incapacidade do portuguez»

* * *

Na Republica, fôram ainda as faculdades aggressivas de Sylvio Roméro que lhe proporcionaram occasião de manifestar-se na critica politica.

A revolta de 23 de novembro de 1891 sacndiu as saudades do parlamentarismo, e tanto bastou para que o critico sergipano, esquecendo-se do seu Spencer, se atirasse contra o presidencialismo.

Refiro-me ao auctor dos *Primeiros principios* intencionalmente, porque este mestre não suffragaria as idéas do escriptor do pamphleto *Parlamentarismo e presidencialismo*, publicado em 1893.

Com effeito, as idéas de Spencer, expostas na sua *Sociologia*, quando descreve a triplíce natureza das organizações politicas adiantadas; e o modo por que se constitúe a funcção reguladora das nações, não nos induziriam no desconhecimento da sobreexcellencia do regimen descoberto pelos americanos, sobreexcellencia esta que Boutmy, na obra que o publicista brasileiro cita, não consegue, como pretende, desfazer, antes, pelo contrario, explica, embóra julgando na qualidade de francez o regimen perezível,

por falta desse *poder moderador*, que a pratica ingleza creou para decidir as pendencias dos dois syndicatos de familias entre si alternadas no governo da Grã-Bretanha, e que os francezes pensaram ter assimilado desde a publicação da obra de Benjamin Constant. (12)

Neste trabalho, o publicista pôz o talento que possui, a serviço de seus caprichos e indignações de momento. Não é difficil, porém, apprehender onde se esconde a razão do equivoco dos seus argumentos contra o presidencialismo: essa razão encontra-se na preocupação de um desequilibrio possível dos trez poderes que dividem entre si a soberania nacional. Sylvio Roméro chama a isto a systematização da desordem. A palavra é espirituosa, mas não corresponde aos factos, porque, em substancia, ella existe no mais absoluto e uno dos governos. A expressão *poderes independentes e coordenados*, usada pela nossa Constituição, condensa perfeitamente o estado de uma sociedade pacificada pelos antecedentes de sua historia. E' a perfeição da representação popular; é o consensus politico; é a logica da historia.

O presidencialismo, termo creado para exprimir o pensamento daquelles que não comprehendem execução embaraçada continuamente pelas opposições systematicas, nem o feitio de governo de discussão tão ao sabor dos criticos de todas as naturezas e dos incontentaveis de temperamento diserto; o presidencialismo passou a ser, na sua opinião, o regimen ou da desordem ou da carnificina. Entre nós, elle, pelos menos, já soube impôr silencio aos faladores e tambem ás velleidades de mudanças diarias de situação. Quando, porém, essa experiencia não nos convencêsse da melhora do regimen, não seriam as opiniões latitudinarias de Bryce, nem de Noailles, nem de Boutmy, que nos demoveriam de reconhecer a verdade.

Sylvio Roméro, todavia, não se cingiu ás auctoridades que se teem pronunciado na materia, aliás européas, pela maior parte, sem o sentimento da realidade pratica, pois nem os auctores americanos, nem os de outra origem, como Von Holst, que escreveram sómente depois de identificados com a pratica do systema, admittem essa desconfiança; elle foi buscar razões fundadas na precedencia historica; e, numa série de artigos publicados na *Cidade do Rio*, defendeu as proposições emittidas no opusculo atrás citado, de um modo que não revélam sinão espirito de polemica.

O dr. Felisbello Freire emittira o pensamento de que o presidencialismo representava a mais recente criação da sciencia politica dos povos, e o auctor destas linhas accrescentou depois que

achava a *these* daquelle illustrado brasileiro perfeitamente de accôrdo com os factos. Tanto bastou para que Sylvio Roméro se julgasse obrigado a investir contra o auctor dessa blasphemia, e tratasse de provar que o presidencialismo era anterior ao parlamentarismo, que, por sua vez, passava a ser a ultima expressão das instituições politicas. Não é preciso dizer que esses artigos, em grande parte, eram invectivas, em que tudo se negava ao publicista aggreddido. Nem elle, nem o auctor destas linhas, tinham lido Freeman; logo, nada podiam articular nessa materia, que não fôsse erro. Como si o grande philosopho da historia politica da Inglaterra tivésse em si o segredo e as chaves dos archivos dessa nação, tratando-se de uma questão de facto, ou de documentos existentes em toda a parte!

O critico sergipano pensa, entretanto, ter provado o que esposou. Mas, não admira que assim aconteça, quando não é novo chegar-se ao que se quer logo que a gente se sente animado por uma idéa preconcebida, ou por uma intenção systematica. Já houve quem, numa obra exhaustiva, demonstrasse em como as instituições americanas não eram obra de colonos inglezes, mas de hollandezes, e que tinham sido transportados para a America, de Haya ou Amsterdam, no *May-flower*.

* *

O ultimo trabalho de tomo dado aos prêlos por Sylvio Roméro, foi um estudo sobre Machado de Assis.

Um phenomeno curioso é o que se nota nesse estudo. Sylvio Roméro a cada instante declara que mudou de temperamento, amainou as vélas e se acha predisposto a uma grande complascencia. Machado de Assis não lhe parece ser o homem impossivel que elle atacava em 1872 e 1880. Tem qualidades, e representa um bom esforço litterario. Todas essas declarações, porém, são illusorias; e o critico que, segundo me parece, não quiz concentrar o seu espirito na obra, já bastante extensa, do autor de *Bras Cubas*, faz resurgir suas antigas antipathias, recorrendo ao seu processo predilecto de esbordoar os outros com essa clava de Hercules chamada Tobias Barreto.

Com justa razão, geralmente se achou extravagante que o critico escolhesse o fallecido lente de criminologia do Recife, para confrontar com o nosso, pôde-se dizer, unico humorista. Si ainda o fizésse para mostrar o contraste dessas duas naturezas, vá; mas, não se deu isto: o auctor da *Historia da litteratura brasileira* pretendeu, antes de tudo, mostrar que Tobias era um humorista valente e incomparavel diante das deliquencias de Machado de Assis.

Não sei si deva dizer que o que alli

se expende a respeito do auctor dos *Dias e noites*, causou a impressão de um corpo estranho mettido á força numa garrafa de azeite. O livro, na sua maior parte, repete o que Sylvio Roméro já disse vinte vezes sobre o talento indisputavel do grande sergipano; apenas acrescenta algumas novas considerações relativas ao seu temperamento alegre. Tobias, porém, podia ser tudo, menos um humorista; e nem ao critico apadrinhavam as opiniões de Scherer e Taine, quando definem esse genero de litteratura.

Que pôde haver de commum entre esse excentricismo ou humorismo anglo-saxonio e a alegria ruidosa de Tobias? Conheci o illustre morto nos seus melhores tempós; e posso garantir, pelo que observei e tenho lido desse auctor, que nunca sobre a terra pisou homem de alma menos tristonha. Tobias era um bohemio incorrigivel, genial talvez, e para cujo temperamento maligno nada havia superior, em deleite, ao exercicio do espirito de *troça*. Nas questões mais intrincadas e sérias, raro era que elle não dêsse largas a esse seu genio e, de subito, não irrompêsse em verdadeiras *molecagens* para fazer encavacar os seus antagonistas. Lembrarei uma dessas *troças*. Examinavam um estudante em direito ecclesiastico, e Tobias, no impedimento de um dos cathedromaticos, fazia parte da mesa examinadora. Perguntára o lente da cadeira ao examinando o que era cardeal.

— «Cardeal, disse o rapaz, é uma dignidade da Igreja que fica mettida entre o papa e o bispo.»

Como era natural, o examinador irritou-se com a resposta, e começou a invectivar a ignorancia do estudante. Tobias ouvira tudo isto sorrindo e puchando um bigode hirsúto. De subito, brilharam-lhe os olhos! Dirigiu-se, então, ao collega, e, interrompendo-o:

— «Perdão; agora eu. . .»

E virou-se para o arguido:

— «Diga, sr. estudante, que o seu professor não lhe quer revelar a verdade verdadeira. Respondeu bem; cardeal é uma especie de intruso na Igreja, que lambe os pés do papa, emquanto não lhe chega a vez de ser lambido, e que olha de esguêlha para o bispo, cuja auctoridade não exerce, por ser eunucho, nem respeita, por ser safado. E ha outras coisas mais, que essa dignidade accumulá; mas, que só no compendio do Boccacio, o senhor terá occasião de aprender, logo que se liberte desse direito espoliastico.»

* *

Aqui termino esse estudo sobre a personalidade de Sylvio Roméro, polemista. Escolhi o traço aggressivo de preferencia aos outros, porque é a sua caracteristica.

Deixei um pouco de lado o philosopho, o homem das grandes generalizações sobre a historia do paiz, porque este não me interessava tanto; além de que, segundo as suas proprias opiniões, em philosophia os brasileiros pouco valem, por serem talvez um povo de mestiços incapazes de produzir um Spinoza ou um Stuart Mill.

ARARIPE JUNIOR.

(1) Este artigo é a conclusão de um ensaio, publicado na *Revista Brasileira*, fasciculos de agosto, setembro, outubro e novembro de 1898 e janeiro de 1899. Chegou a ser impresso para o fasciculo de fevereiro desse anno; mas, infelizmente, aquella optima publicação cessou, e o numero não foi distribuido.

(2) *Revista Brasileira*, (1897) tomo 10, pag. 212.

(3) *Revista Brasileira*, tomo XIV, pags. 182 e 18.

(4) Ao tempo em que estas palavras fôram escriptas, (1899) estava muito longe de pensar na possibilidade do castigo da Europa. Hoje, estou convencido de que esse castigo não tardará.

Castigo historico, bem entendido...

(5) *Revista Brasileira*, tomo XIII, pag. 354.

(6) *Revista Brasileira*, tomo X, pag. 251.

(7) Referia-me á politica contra a China, ou, melhor, á tentativa, que falhou, de devorar a China, e aos prólomos da tragedia do Transvaal.

(8) *Hist. da lit. braz.*, 1º vol., pags. 91, 138 e 212 e 22; vol. 2º, pags. 858, 860, 867 e 1177.

(9) Araripe Junior, *Litteratura brasileira, Movimento de 1893*.

(10) Novicow, *L'avenir de la race blanche*, pag. 118.

(11) As surpresas effectivamente já surtiram. Os successos do Japão de hoje justificam as conjecturas que em 1899 eu emittia a médo.

(12) Spencer, *Sociologie*, trad. Cazelles, vol. 2º. Cf. Boutmy, *Etudes de droit constitutionnel et Le développement de la constitution et de la société politique en Angleterre*.

VERSOS DE OUTR'ORA

Até que enfim, minha Senhora, pude hoje apertar a vossa mão mimosa — lirio nascido entre os juncáes do açúde, da encósta verde — rescendente rósa.

E ha nella um mixto estranho de virtude, que, nesta saudação affectuosa, sentiu-se a minha — callejada e rúde, muito feliz e muito mais ditosa!

Bemdicta seja, pois, essa mãosinha, que num momento, muito embóra, breve, teve a ventura de apertar na minha;

e, possa eu desta vida entre os escólhos, beijal-a um dia, para que, de leve, venha na morte me fechar os olhos. . .

BELMIRO BRAGA.

Minas, 1905.

GRAMMÁTICA DA VIDA

DO VALOR DOS ADJECTIVOS

Não te insultes nunca. Infame, bandido e outros desafôros praguejados por labios poderosos, devem ser ouvidos com prazer. As palavras, como os numeros, têm um valor relativo, o valor que se lhes quer dar. Infame! Quando é um labio ciumento que o diz, mesmo quando esse labio é o de uma cabotine — agrada até aos reis. Ha na historia, que sempre foi um repositório de adjectivos desvalorizados, exemplos fataes. E se infame perde assim de importancia, bandido é um trisyllabo fraternal, meigamente, superiormente fraternal entre os artistas. Os litteratos dizem : — aos meus braços, bandido! como quem diz : — triumphador, abraça-me!

Desde que a mulher e o artista, os dois encantos do mundo, Venus sempre radiosa e Apollo sempre illuminado, transformam o valor dos adjectivos — porque tu, que queres ser ao menos escrivão de policia, não lhes mudará também o desagradavel sentido?

Certo não és Apollo nem mesmo Venus, porque és homem pratico, e não é com rimas que se pôde ser amigo de confiança do ministro. Mas, todos te consideram intelligente, até tu mesmo ao deitar, todos affirmam o teu immenso desejo de vencer. Ora, considerar esses velhos desafôros e outras pragas de effeito nos melodramas romanticos insulto, — é atrazo e preconceito.

A moral e a philologia estão fartas de dizer o valor das palavras. O que foi hontem violencia é amabilidade hoje, o que hoje é amabilidade faria estremecer o antigo mais brutal. Imagina o futuro firmado no passado! Talvez bandido atirado interjectivamente á cara de um cidadão, seja muito em breve o premio da integridade do character. Hoje, é difficil a gente dizer : — que homem probo! com convicção. No dominio das possibilidades, é por consequencia provavel que as gazetas, daqui para alguns annos, denominem de : — glorioso bandido! o chefe politico que estiver senhor do poder. Já nesse tempo os gatunos terão outro nome e fugirão da policia da mesma maneira, mas a breve associação de sons será nobilitadora.

Se a lingua é tão ductil, ha razão para zangar quando um labio poderoso cóspe o desafôro?

Não! E' uma questão pratica. Quando a praga vier de uma influencia, sorri; quando vier do ministro, abre os braços — a intimidade começa.

A principio custa, como em geral todas as estréas. Havendo coração, porém, bôa vontade, temperamento,

a coisa váe, porque a gente vingase, manda o adjectivo desagradavel ao primeiro pobre diabo que encontra, e passa a um simples reflexo de macreações, acariciando o proximo com o raio recebido directamente. Ainda que esse esforço não tivéra mais bem que revelar uma ousadia — a ousadia de ser polido — só isto bastaria!

Ha, entretanto, votações sopitadas que não conhecem a evolução vertiginosa da moral e tremem de se comprometter. Quantos por ahi, estoirando desejos de cavar a vida, receiam as linguas mal dizentes! Mal sabem elles que esse nobre desejo é anterior á guerra de Troya, existe ha mais de quarenta seculos, que digo? existe ha muito mais, desde que no mundo surgiram as convicções para que o homem superior não as tivésse! malsabem que o prodigioso sentimento transformador das sociedades e das expressões, essencialmente moderno através dos tempos, faz o poder, os jornaes e a vida!

Uma creatura pôde não vencer, mas não deixa de tentar a relatividade dos adjectivos, pôde ser sincera, mas engróssa, engróssa pelo menos uma vez na vida, e desde que se engróssa uma vez, desde que está na massa do sangue o valor das palavras, capaz de fazer as disciplinas, os exercitos, os delegados de policia, as religiões e outras columnas do edificio social, só por idiotice não se educará uma qualidade tão nobremente humana e tão canina.

As patrias mesmo são um resultado dos adjectivos relativos. Na politica começa a gente a ser menospresada para mais tarde menospresar e tanto o adjectivo de louvor — admiravel! — significa uma coisa pessima e conveniente como — patife! — qualificativo horripilante, demonstra ás vezes uma trôça bem bôa. E isso em todos os tempos, desde que Noé, após o diluvio, plantou com outras sementes, a semente da nossa admiravel raça de homens.

Depois destas profundas reflexões, quem não fará do ductil valor o meio mais seguro de trepar?

Eu conheci, ha tempo, continuo de redacção, um infeliz intelligente que o preconceito arrastára até tão baixo lugar. Na descida, o pobre homem tivéra tempo de examinar o pouco valor emprestado á rectidão de não aturar desafôros.

Certa noite, o redactor-chefe, cavalleiro neurasthenico em crise constante, ao receber uma carta desagradavel, bradou:

— Cachorro! Porque não disséste que eu não estava?

Cachorro! O moço corou, mas reflectiu. Cachorro, já dizia Boileau, é um animal nobre; e se não fôsse assim, Boileau e eu tornaríamos a jurar que Homero não o teria posto a saudar

a volta de Ulysses com um leve ondular de cauda, nesses memoraveis cantos da Odysséa. Cachorro, por consequencia, significava — homem da minha inteira confiança!

O moço intelligente ficou. Viéram outros nomes, a confiança do desafôro fêl-o camarada, um mez depois era reporter, e bruscamente, quando menos se esperava, escreveu um artigo de fundo atacando a opposição! Vi-o, por ultimo, tão alto que tremi do abysmo. Atracou-me numa praça.

— Estou á espera do ministro. Váe levar-me no seu carro. A bêsta do cocheiro está demorando. Levo aqui bombons para a familia do excellente ministro.

Depois, como o excellente passasse, o moço adiantou-se, perguntou pela familia de s. ex., soube da saúde dos cachorros de s. ex., passou o pé no leve coupé de s. ex., sentou-se ao lado de s. ex., e rodou com a mesma para a Intendencia! Eu só o vira mais alto e mais sublime uma vez, na boléa de um carro, levando a familia de certa influencia á estação do caminho de ferro.

Que seria desse moço, ó adolescentes, se continuasse a ter o preconceito de não comprehender o valor real dos adjectivos? Continuaría cachorro, — porque na sociedade o homem é sério para dois outros e canalha para o resto — já estaria morto, a estas horas, de despeito, de raiva, de vocação abafada, bebendo, como Rolando, o sangue da propria chaga, por falta de dinheiro; em vez de ter caminhado para a gloria, tomando os desafôros por intimidades e distribuindo-os em seguida por precauto louvor proprio...

Quando alguem, de que possas vir a ter necessidade, te injuriar, finge que não percebeste, reflecte nesse moço exemplar, pensa que a palavra é som que passa... Tú serás, pelo menos, a possibilidade de um deputado opposicionista!

JOÃO DO RIO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O TYPHONOIDE

André Gambin pretende ter feito uma descoberta para revolucionar a navegação, construindo navios que possam desenvolver a marcha de 500 nós por hora, ou 1.000 kilometros, com a mesma facilidade com que os navios vulgares andam 15 a 20 milhas.

Dest'arte, tempo virá em que um *touriste* poderá almoçar em Londres e jantar no mesmo dia em New York, viajando nos navios maravilhosos de sucção peneumatica ou typhonoides.

A invenção consiste em collocar na

frente de um navio especial um aparelho em fôrma de cone para a sucção d'agua, o qual, effectuando revoluções em tórno de uma arvore de helice, formará um vácuo onde o navio se precipitará para diante e vôará como cartas nos tubos pneumaticos empregados nos correios de Pariz.

Como demonstração da sua theoria, mr. Gambin construiu um modelo de 2,30 de comprimento e 0,17 de diametro, com a propulsão feita por um aparelho de relojoaria. Este modelo marchou 14 metros num espaço de tempo impossivel de calcular. Sem o typhonoide, e armado de um helice, o mesmo modelo andou apenas 20 a 30 centimetros no mesmo tempo. Donde conclúe o inventor que, com o mesmo navio, a mesma força e o mesmo motor, o resultado do emprego do typhonoide foi de 50 a 60 vezes superior ao do helice, que, nas condições mais favoraveis, representa um quarto como propulsor, sendo o resto perdido em outros movimentos no liquido adjacente, inteiramente contrarios á marcha.

Um navio em marcha deslôca uma egual massa de liquido, e computando a fricção lateral e outras forças oppostas, a força, que produz o movimento dos navios ordinarios, fica reduzida a 24 %. Os grandes paquêtes inter-oceanicos, como o *Deutschland*, com 38.000 cavallos de força, grandes devoradores de carvão, perdem mais de 36.000 cavalios, utilizando apenas 15.000. Tambem se observa que as pás dos helices em revolução, e o movimento avante produzem um vácuo chamado pelos inglezes — *cavitation*; e, quanto maior fôr a força do navio, tanto mais importante se tórna esse vácuo assim como todas as outras resistencias. E' sabido que, marchando 18 nós por hora, um navio é obrigado a consumir o duplo de combustivel para addicionar á sua marcha 2 ou 3 nós.

O typhonoide obvia todas essas forças contrarias, das quaes as mais effectivas são a *cavitation* e a resistencia da prôa, e as convérte todas em factores de marcha.

* *

A PORCENTAGEM DA MORTE

Parece um paradoxo que o numero de mortos tenha diminuído na razão do aperfeçoamento das armas de fogo; entretanto, os factos o confirmam. A extraordinaria mortandade da guerra russo-japoneza é attribuida ao fanatismo com que se batem, expondo-se, em massas temerarias, ao fogo das fortalezas.

Quando a polvora era desconhecida, as guerras se prolongavam durante gerações ou seculos. Cem annos, quasi sem intermittencias, durou a guerra da Inglaterra com a Escossia e com a

França, e as guerras dos trinta e dos sete annos assignalavam épocas na historia militar. A guerra da sessecção, ainda empregando os velhos fuzis de carregar pela bocca, se prolongou por quatro annos; e, mais tarde, a Prussia subjugou a Austria em sete semanas; derrotou a França em oito mezes. Os Estados Unidos da America, em noventa dias, esmagaram a Hespanha.

A ultima guerra sul-africana, durando dois annos e meio, seria considerada absurdamente curta nos dias de Crécy e Agincourt.

Quando as armas eram arcos e flechas, espadas e achas d'armas e nenhuma arma conhecida podia attingir o inimigo á distancia, além de algumas centenas de metros, a mortalidade era de um para quatro combatentes, excedendo, algumas vezes, a essa enorme porcentagem; ao passo que, nas batalhas modernas, com armas muito mais mortiferas, raramente se verifica a porcentagem de um para vinte.

Na batalha de Alma, os mortos fôrão 54 por 100 ou 1 para 18,5; em Inkerman regulou 1 para 20; em Sedan 1 para 60; em Gravelotte 1 para 111; e em Waterloo 1 para 21. Na guerra da Criméa, 89 milhões de tiros mata-ram 120 mil homens ou regularam — 742 tiros para cada homem. Em Gibraltar 258.387 tiros attingiram apenas 1.341 alvos humanos. Na guerra Franco-prussiana, um combatente morto custou 254 tiros

Devem-se, finalmente, levar em conta as balas dos fusís modernos, balas humanitarias pondo o combatente fóra de combate, sem lhe produzir lesões graves.

* *

BACTÉRIAS LUMINOSAS

Os vegetaes productores de luz na obscuridade se encontram entre os Thallophitas — bactérias, cogumélos e algas, principalmente no primeiro grupo. A' presença de taes bacterias se attribuem os tons, accidentalmente luminosos, que se notam em carnes de açougue, dos quaes se pôde isolar o *bacterium phosphoreum*, que, cultivado em meios convinhaveis, conserva a luminosidade, e inoculado em carne normal lhe communica a phosphorescencia.

Esse phenomeno foi observado em 1852, pelo chefe do serviço sanitario de Vienna, em salsichas confiscadas por emittirem de toda a sua superficie, luz bastante intensa para permittir a leitura de letras impressas; tornavam luminosa a agua onde eram immergidas, ao passo que, expostas á luz, nada apresentavam de anormal.

Têm-se observado cadaveres humanos phosphorescentes, como um apodrecido nas catacumbas de Roma, coberto de uma poeira tão vivamente luminosa que illuminou o tumulto durante alguns mezes.

Phenomenos semelhantes pôdem ser observados pela inoculação do *bacterium phosphoreum* e outros de vinte e cinco especies, capazes de provocar luminosidade das substancias organicas em que se desenvolvem.

Nos peixes marinhos, a phosphorescencia é mais intensa de vinte e quatro horas depois de mortos até o terceiro ou quarto dia, quando a putrefacção modifica sensivelmente a natureza chimica do meio.

* *

OS CANAES DE MARTE

Os canaes do planeta Marte, observados por diversos astrônomos fôrão muito contestados e attribuidos a defeitos dos instrumentos ou da visão dos observadores; entretanto, por mais que se esforcem em combater a hypothese os defensores do privilegio da habitabilidade e das actividades vitaes da Terra, é um facto que os defeitos apontados não se reproduzem na observação de outros planetas, pelos mesmos astrônomos e com os mesmos telescópios.

Não se pôde, entretanto, recusar fé aos factos demonstrando a existencia desses canaes duplos, já medidos com certa precisão. Elles não são perfeitamente parallelos, como se suppunha; têm curvas e desvios, não podendo, por isso, provir dos defeitos indicados, nem das apparencias de desdobramento, devidos á refracção da atmosphéra marciana, de densidade inferior á nossa.

Por sua conformação e variabilidade, esses não pôdem ser um resultado natural; fôrão feitos por habitantes do planeta para a irrigação necessaria á vegetação na primavera e no outono do planeta, do sólo, pouco áspero, com algumas raras montanhas, de altura maxima de 4.500 metros, conforme Flammarion, e abundantes planicies desprovidas de rios. Assim, em Marte, se reproduz o processo empregado no Egypto: fazer desbórdar, periodicamente, o Nilo para fecundar os terrenos arenosos, sendo a agua conduzida por numerosos canaes para as terras onde cultivava o trigo, o arrôz, o milho.

Os canaes de Marte existem ha muitos seculos, porque não podiam, por suas dimensões gigantescas de 50 a 100 kilometros, ser feitos e destruidos em 24 horas, mas sómente são visiveis quando cheios d'agua. Disto dependem as mutações observadas nesse regimen de irrigação: um canal novo desaparecendo e tornando a ser visivel alguns mezes mais tarde, um dia ou dois; o nascimento de um canal secundario paralelo ao primeiro, factos que dependem, evidentemente, do aspecto d'agua enchendo ou fugindo dos leitos artificiaes e se espalhando nas regiões circumvisinhas.

Considerando que Marte, por suas condições cosmologicas, distancia do Sol, densidade a pêsco, é mais velho que a Terra, que a evaporação na sua superficie é muito rapida e a condensação muito difficil, conclúe-se que a irrigação é para elle uma necessidade indeclinavel.

Os canaes duplos apparecem nas épocas mais favoraveis á vegetação, quer funcionem, artificialmente, quando occórre a necessidade delles, quer entrem naturalmente em actividade, para evitar as inundações, quando as neves se derretem: é, em todo o caso, fóra de duvida, por sua confirmação e fórmula de se manifestarem, que não resultam de accidentes do terreno, mas de uma criação intelligente e activa.

Fica assim desmoronado o privilegio da habitabilidade da Terra e demonstrado que a vida é universal e progride no infinito do tempo e do espaço.

Taes são as conclusões de A. Breydel.

PAGINAS ESQUECIDAS

O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO

Fez annos o leão, quiz ir á caça ;
 E a delle não costuma ser escássa ;
 Não consiste em pardaes, em bagatéllas,
 Mas em bons javalis, e em corças bellas.
 O rei dos bosques, pródigo e discreto,
 Para sortir effeito o seu projecto,
 Chama o burro, animal de vóz não fina,
 E o burro váe servir-lhe de buzina.
 Elle ao posto o condúz, cobre-o de ramos,
 Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
 Crê que ainda os mesmos brutos, que dão
 provas

De atróz braveza, fugirão das cóvas :
 Não era aquella tropa ainda uzada
 Ao fragor de asinina trovoadá.
 No ar o espantoso orneio emfim resôa ;
 Vaga o terror e as grutas despovôa :
 Tremendo, a turba agreste alonga o passo ;
 Foge tudo, e, fugindo, eis cáe no laço,
 Onde os espera a garra penetrante.
 «Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»
 (Diz o burro ao leão c'o a fronte alçada,
 Arrogando-se a gloria da caçada).
 «Trôas (volta o leão), trôas devéras,
 E se não conhecesse quem tu eras,
 Eu mesmo com teus zurros me assombrava!»
 O burro, se pudésse, resmungava,
 E tinhamos arenga, inda que havia
 Motivo para aquella zombaria.
 Pois quem ha-de soffrer, quiéto e mudo,
 Que um, que não vale nada, arróte em tudo?
 Quem soffrerá que audacia o burro affecte?
 Character fanfarrão não lhe compete.

BOCAGE

LORD BEACONSFIELD

III

A reputação de salão que gosava lord Beaconsfield, levou algum tempo a transformar-se em popularidade ; mas a sua popularidade, apenas obtida, penetrou rapidamente a enorme massa trabalhadora, e tornou-se em poucos annos essa vasta e possante nomeada, que fez o seu nome familiar, quasi domestico, em toda a parte onde se falla inglez, na mais rude aldêa de pescadores de Cornwall, no *bush* d'Australia, entre os mesmos montanhezes barbaros dos *Highlands*, e que, quando elle se dirigia ao congresso de Berlim, attrahia ás estações do caminho de ferro as populações da Allemanha, a contemplarem o *grande inglez*. E este reconhecimento de gloria constitúe um dos phenomenos mais curiosos da carreira de lord Beaconsfield; porque, em geral, não se avalia bem a difficuldade portentosa de obter uma fama, mesmo medíocre.

Não ha nada tão illusorio como a extensão de uma celebridade; parece, ás vezes, que uma reputação chega até aos confins de um reino — quando na realidade ella escassamente passa das ultimas casas de um bairro.

No momento de sua prodigiosa vóga, o velho Alexandre Dumas ficou assombrado de que o magistrado de uma villa, visinha de Pariz, homem illustrado, de resto, não soubésse com que lettras se escreve esse glorioso nome de Dumas !

E se nós pudéssemos reduzir a numeros, as proporções das glorias contemporaneas, ficaríamos aterrados perante a grotesca mesquinhez dos resultados. Nós outros jornalistas, criticos, artistas, homens de estudo, e de curiosidade litteraria, julgamos quasi impossivel que haja alguém na Europa que não tenha lido Victor Hugo, ou que, pelo menos, não conheça esse nome de syllabas faceis, que ha meio seculo fére, a grande estrondo, o ouvido humano; pois bem, póde-se dizer que fóra de França, apenas cinco mil pessôas, talvez, terão lido Victor Hugo — e que não passará de certo de dez mil o numero de creaturas que lhe saibam o nome, incluindo mesmo a vasta massa democratica de que elle é o épico official. E já isso constitúe um famoso progresso — desde o tempo em que Voltaire ambicionava ter *cem leitores* !

A conhecida allegoria da Fama, cantando o nome dum varão com as suas cem bôccas, applicadas ás suas cem tubas, e voando de um a outro confim do Universo — é uma das imagens mais descaradamente falsas que nos legou a Antiguidade. Esse estrondear das cem tubas morre como um suspiro dentro da área humilde dum curriculo ou duma *coterie*: e nada viaja com uma

lentidão igual á da Fama. Um fardo de fazenda gasta quatro dias a vir de Londres a Lisbôa — e os nomes de Tennyson, Browning, Swinburne, os trez grandes poetas da Inglaterra, e que ha quarenta annos são a sua mais pura gloria, ainda cá não chegaram. E' verdade que todo o mundo necessita flannels — e nem todo o mundo supporta Poesia.

Mas, uma celebridade não encontra só difficuldades em transpôr a fronteira — acha-as sobretudo quasi insuperaveis em fixar a attenção da grande turba dos seus concidadãos. Principalmente num paiz como a Inglaterra, em que a áspera lucta pela existencia, a soffrega preocupação do pão diario, o feróz conflicto da concurrencia, não permitem esses pachorrentos vagares, os vagares portuguezes ou hespanhóes, em que se está de barriga ao sol, prompto a reparar, a admirar o menor foguête que estála nos ares.

Em Inglaterra, o duque de Wellington era de certo popular — porque ganhou a batalha de Waterloo, e, portanto, segundo a crença contemporanea, salvára a Inglaterra da invasão. Gladstone é conhecido em cem cidades e mil aldeias, porque alliviou a nação dos seus grandes impostos. Mas, esses formam as excepções ; as outras celebridades inglezas, ou sejam politicos como lord Salisbury, ou philosophos como Spencer, ou poetas como Browning, ou artistas como Herkomer — permanecem profundamente ignorados da grande massa do publico. São reputações de salão, de academia, de club, de redacção de jornal.

Ora, lord Beaconsfield realmente nunca fez cousa alguma para se tornar popular e sempre lembrado : nunca ligou o seu nome a uma grande instituição, a um grande beneficio publico, a uma campanha victoriosa. Tudo, ao contrario, nessa original personalidade, parecia destinal-o á impopularidade : a sua origem, os seus gostos e habitos ante-inglezes, a sua poderosa veia sarcastica, a sua oratoria requintada e subtil, o gongorismo metaphysico das suas concepções litterarias, e certos lados muito accentuados do seu fundo semitico. E a isto accrescia que, para a a grande maioria da nação, elle representava um *parvenu* de auctoridade oligarchica, surdamente hostile á idéa de democracia e de soberania popular.

A sua assombrosa popularidade parece-me provir de duas causas : a primeira é a sua idéa (que inspirou toda a sua politica) de que a Inglaterra deveria ser a potencia dominante do mundo, uma especie de Imperio Romano, alargando constantemente as suas colonias, apossando-se e *britannizando* os continentes barbaros, reinando em todos os mercados, decidindo com o pêsco da sua espada a paz ou a guerra do mundo, impondo as suas instituições,

a sua lingua, as suas maneiras, a sua arte, tendo por sonho um orbe terraque que fôsse todo elle um imperio britannico, rolando em rythmo através dos espaços.

Este idéal, que tomou o nome de *imperialismo*, nos dias de gloria de lord Beaconsfield, é uma idéa querida a todo o inglez; os mesmos jornaes liberaes, que com tanto furor denunciavam os perigos dessa politica romana, no fundo gosavam uma immensa satisfação de orgulho em proclamarem a sua inconveniencia. Havia tanta prosápia britannica em conceber um tal imperio, como em o condemnar, e em dizer, com um ar de nobre renunciamento: «Não nos convém a responsabilidade de governar o mundo!»

Lord Beaconsfield, sendo a encarnação official dessa idéa imperial, tornou-se naturalmente tão popular como ella. Foi considerado então como o instrumento da grandeza exterior da Inglaterra, como o homem que a fazia dominante e temida, que mantinha alta e reluzindo terrivelmente aos olhos do mundo, a espada de John Bull.

Gladstone, Bright, a grande escola liberal, conhecida pela *escola de Manchester*, era agóra accusada de ter—com a sua politica de abstenção só occupada de melhoramentos materiaes, de finanças, de civilização interna—deixado definhar, morrer o prestigio inglez na Europa.

E ali vinha agóra aquelle extraordinario judeu, apoiado na riqueza, na prosperidade interior que lhe tinham legado os liberaes, collocar de novo a Inglaterra á frente das nações, fazendo resôar ao longe e ao largo a sua voz de leão.

Todo o paiz andou durante annos inchado com esta grandiosa filaucia, que lord Beaconsfield ia sempre entre-tendo com os seus discursos bellicosos, as ameaças theatraes, as concentrações de frótas, um constante movimento de regimentos, invasões aqui e além, a occupação de Chypre, a quasi absorpção da propriedade do isthmo de Suez, sempre algum lance brilhante em que a Inglaterra apparecia entre os fogos de Bengala da sua eloquencia, como a senhora do mundo. E John Bull adorava isto, apesar de ver que a espada de Inglaterra, depois de flammejar um momento nos ares, era invariavelmente recolhida á baínha, apesar de comprehender que o dinheiro se gastava como a agua das fontes; apesar de sentir que os impostos cresciam; apesar de perceber que a Inglaterra estava tomando sobre os hombros responsabilidades desproporcionadas com a sua força mesma.

Depois, um dia, o grande sensò pratico da Inglaterra viu claramente a necessidade de brilhar menos aos olhos do mundo—e de se occupar da machina interior, que começava a desarranjar-

se; pôz fóra o grandioso Beaconsfield, e chamou o pratico Gladstone—o homem que reconstitúe as finanças, que allivia os impostos, que faz as grandes reformas interiores. Mas, apesar de tudo, Beaconsfield ficou como o typo do estadista que mais que nenhum outro amou e desejou a grandeza imperial da patria.

A esta causa de popularidade deve juntar-se outra—a *réclame*. Nunca um estadista teve uma *réclame* igual, tão contínua, em tão vastas proporções, tão habil. Os maiores jornaes de Inglaterra, de Allemanha, de Austria, mesmo de França, estão (ninguém o ignora) nas mãos dos israelitas. Ora, o mundo judaico nunca cessou de considerar lord Beaconsfield como um judeu—apesar das gôtas d'agua christã que lhe tinham molhado a cabeça. Esse incidente insignificante nunca impediu lord Beaconsfield de celebrar nas suas obras, de impôr pela sua personalidade, a superioridade da raça judaica—e por outro lado, nunca obstou a que o judaismo europeu lhe prestasse absolutamente o tremendo apoio do seu oiro, da sua intriga e da sua publicidade. Em novo, é o dinheiro judeu que lhe paga as suas dividas; depois, é a influencia judaica que lhe dá a sua primeira cadeira no parlamento; é a ascendencia judaica que consagra o exito do seu primeiro ministerio; é, emfim, a imprensa nas mãos dos judeus; é o telegrapho nas mãos dos judeus, que constantemente o celebraram, o glorificaram como estadista, como orador, como escriptor, como heróe, como genio!

EÇA DE QUEIROZ.

Londres, 1881.

(Continúa)

FARIAS BRITO

II

Disse eu que a nossa pobresa de homens é ainda mais deploravel na esphera scientifica, e, sobretudo, em materia de philosophia propriamente—entendida mesmo como processo de systematisação ou condensação de todo o saber. O estado da nossa intellectualidade não é, no emtanto, particular ao Brazil, mas a toda a America, si guardamos uma justa reserva quanto aos Estados-Unidos, onde agóra se opéra um notavel movimento em certos generos especiaes de cultura—assignaladamente a historia, o direito, as sciencias naturaes.

O que dizemos, portanto, em relação ao nosso paiz, pôde-se tornar extensivo a todo o continente: no Brazil, como na America em geral, a acção do homem é ainda mais forte (e isso por menos que seja) do que a intelligen-

cia. A nossa cultura scientifica, por emquanto, tem sido de simples assimilação. Isto não quer dizer que, num ou noutro genero, um ou outro espirito não haja feito alguma coisa. Sobretudo em materia de historia natural, de archeologia prehistorica, de linguas indigenas, já temos alguns trabalhos de merito no nosso activo, e podemos apresentar nomes que se notabilisaram por esforço consciencioso no estudo da nossa fáuna, da nossa flóra, das tribus selvagens, da questão das origens, das linguas, etc. Já tivemos um Alexandre Rodrigues Ferreira, notavel naturalista, que estudou toda a flóra do Amazonas e de Matto-Grosso, e que deixou grande numero de obras até hoje inéditas;—o doutor Mello Moraes (pai do illustre poeta homonymo) e que foi um espirito laborioso, escreveu um *Diccionario de Botanica*, além de outras muitas obras, tanto sobre a sciencia que professou como sobre historia patria;—o doutor Niculau Moreira, abalisado naturalista: deixou, sem contar numerosos outros trabalhos, um *Diccionario de plantas medicinaes brasileiras*—1862;—Domingos Ferreira Penna;—doutor Arruda Camara;—João Alfredo de Freitas (deixou este um trabalho que julgamos os entendidos de alto preço, intitulado *Excursão pelos dominios da entomologia*, estudos e observações sobre a formiga);—e tantos outros. Entre os vivos, contamos estudiosos de valor, como o doutor Francisco de Paula Oliveira, o doutor Sergio de Carvalho, o doutor Carlos Moreira e muitos cujos nomes de momento me não acódem. O doutor Carlos Moreira é assistente do nosso Museu, e dizem que tem trabalhado com esforço e mesmo com enthusiasmo e paixão certamente comparaveis aos desse outro espirito, o doutor Benedicto Raymundo da Silva, tão nobre e modesto, dedicado ás sciencias naturaes, com heroismo que tem resistido a toda a indiferença e a todas as decepções que em nosso paiz em regra affligem a quantos exercem aptidões de semelhante natureza. Benedicto Silva parece que não pôde até hoje publicar coisa alguma. Tem, no emtanto, pelo menos duas obras de verdadeiro valor: *Contribuição para a historia natural dos lepidopteros do Brazil* e *Diccionario de zoologia do Brazil*.—Entre os naturalistas que teem enriquecido a nossa litteratura scientifica, tem preeminencia, sem duvida, o doutor Barbosa Rodrigues. Pelo grande numero de obras publicadas e ultimamente pela sua monumental *Sertum palmarum*, é o doutor Barbosa Rodrigues um nome europeu.—Bem que eu podia inclúir nesta lista um nome, o de Emilio de Menezes, cuja grandeza, sem duvida, não teria com isto que augmentar. Quem ha por ahi que se convença de que, vendo bem, descobrirá um natu-

ralista muito grave de sob os fulgores do glorioso poeta ?

Em summa: acaba-se de ver que, pelo respeito a sciencias naturaes, temos sempre alguma coisa. Isso, no emtanto, é preciso dizer com franqueza, não nos auctorisaria ainda a sustentar que o nosso espirito já enfrentou aqui resolutamente com a natureza. Ainda não se deu aqui a larga expansão, o vasto desdobramento da intelligencia humana, sentindo-se em presença dos phenomenos e já capaz de impressões directas, proprias, originaes. Isso é evidente que só acontece quando os espiritos mais capazes encontram um meio social que os não sollicite poderosamente ou pelo menos uma phase politica em que os problemas de ordem historica não absorvam de todo a actividade espiritual.

E si, tratando-se do estudo concreto da natureza, do exame detalhado deste ou daquelle grupo de phenomenos, é certo que ainda muito pouco havemos feito — muitissimo mais sensivel é a nossa indigencia na esphera da pura especulação. Resalta sobretudo a nossa penuria quando nos inquirimos sobre o que temos ao menos tentado quanto á construcção synthetica, ao trabalho coordenativo, ao methodo, aos processos de analyse, á disciplina, já não digamos das faculdades creadoras, mas ao menos das faculdades de assimilação.

Digamos pois: quasi nada é a philosophia no Brazil, como na America. Em arte, ainda passamos: temos poetas, musicos, pintores, que não se fizeram de certo figuras universaes (e de muitos até se poderia dizer que o não são, mais pelas circumstancias do meio que por deficiencia de genio) mas que incontestavelmente fazem honra ao nosso espirito. Na provincia das sciencias naturaes, no que diz cultura profissional, temos até representantes que na Europa seriam verdadeiras celebridades.

Em philosophia, propriamente, somos, porém, quasi tão pobres como Job. (E assim mesmo — digamol-o entre parenthesis — somos ainda dos mais ricos do Novo Mundo.) Explica-se isso, já o dissemos; e, ainda por isso, não ha desar em confessal-o.

*
* *

Tratando-se de espiritos que ascenderam á ampla critica do universo, á synthese philosophica, á alta psychologia — a nossa historia se faz em poucas linhas. Não sei si antes de Mont'Alverne se tem algum nome a interpellar, a não serem alguns padres, que aliás nada nos deixaram. Tivemos muitos professores de philosophia no antigo collegio d. Pedro II, Gymnasio Nacional hoje; por exemplo: o dr. Paula Menezes, o padre-mestre Patriçio Muniz, frei Saturnino, frei Santa-

Maria Amaral; tivemos frei Rodovalho, frei Francisco de Sampaio, o padre Souza Caldas, philosopho e poeta, Claudemiro Caldas, o marquez de Maricá e o visconde de Cayrú, (estes se distinguiram principalmente em psychologia e moral) frei Itaparica, frei Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes, theologo e orador. Devem ser citados ainda alguns contemporaneos ou pósteros immediatos de Mont'Alverne, taes como Domingos Magalhães (visconde de Araguaya) — poeta e philosopho; o dr. Ferreira Pinto, o visconde de Saboia, (combateu vigorosamente o positivismo) etc.

Quasi todos esses, porém, não passaram de simples assimiladores: nada ou muito pouco fizeram de original, e, portanto, não se pôde dizer que affirmaram o nosso espirito. Alguns escreveram artigos para jornaes e revistas e uns quantos chegaram a publicar livros. Esses livros não fôram mais, no emtanto, do que méras condensações, resumos, em regra, da philosophia classica. A dialectica, o estylo, os principios — tudo na pura escolastica.

Não fôram, portanto, propriamente philosophos, pois que não fôram pensadores.

ROCHA POMBO

A criminalidade das multidões e a repressão penal

Para os que nos teem pacientemente acompanhado, nesta série de artigos referentes aos crimes collectivos, não é difficilissima a solução do problema penal que elles implicam. Conhecidos os caracteres psychologicos de um delicto commettido no seio da multidão; sabidos os moveis a que, geralmente, obedece um individuo que della faz parte, desde logo occôrre que sua responsabilidade penal tem de ser fortemente attenuada, quando não excluida de todo. Em dadas circumstancias — que os tribunaes saberão apreciar — bem se poderá dizer, com o grande Napoleão, que os crimes collectivos, crimes de toda a gente, a ninguem compromettem. Na maioria absoluta dos casos, táes crimes se praticam sob o impulso de uma idéa nobre ou de um sentimento altruistico, dominando a supposição de um serviço prestado á patria, ao grupo social, ou á humanidade. Psychologicamente — disse-o Le Bon — não podem ser considerados criminosos os actos violentos commettidos pelas multidões. E dil-o porque.

«Poderosa suggestão agita e impelle os individuos, diminuindo-lhes a responsabilidade, e elles procedem na convicção de que obedecem a um de-

ver — o que exclúe a criminalidade». Referindo-se ao assassinato do sr. de Launay, director da Bastilha, observa Le Bon:

«Um acto desses poderá ser considerado legalmente criminoso, mas não psychologicamente». Sem adoptar, em absoluto, a theoria, apenas psychologica, do anthropologista e sociologista francez, vemos que ella contém grande somma de verdade, deduzida da observação dos factos.

A theoria de Sighele — que se modificou um pouco de 1892 para 1901 — resentiu-se, no principio, da influencia da escola de anthropologia criminal lombrosiana, acceitando o *typo do criminoso nato*, com seus stigmas e caracteres differenciaes. Em 1892, dizia elle: «A escola positiva não nos dá resposta decisiva, nem pôde offercer uma fórmula que sirva para todos os casos.

Pôde haver na multidão «criminosos-natos» e criminosos de occasião; pouco importa que elles tenham commettido os mesmos crimes. A pena deverá ser applicada, segundo pensamos, não sómente de accôrdo com a gravidade objectiva do delicto commettido, mas tambem segundo a temibilidade de quem o commetteu» (*La Foule Criminelle*, pag. 162).

Identica foi a opinião manifestada por Garofalo, na *Tribuna Judiziaria* (12 de agosto de 1891).

Aqui nos occorrem as duvidas que cercáram a theoria do criminoso-nato incorrigivel (constituindo um «typo anthropologico») e que, afinal, depois do Congresso de Bruxellas (1892) — determináram seu repudio pelo mundo scientifico. Bem não sabemos como os da Escola Anthropologica de Direito Criminal se poderiam habilitar para, no correr de um processo, distinguir, *sem attenção aos actos*, um criminoso typico de um occasional. Em todo caso, para nós, apologistas decididos da individualisação da pena, não é inaceitavel, em absoluto, a theoria de Sighele e Garofalo, si se admittir a classificaçã dos criminosos, feita de accôrdo com os stigmas sociaes, vida pregréssa, natureza das paixões manifestadas, etc. Assim, affastado o duvidoso criterio do *typo-criminal anthropologico*, não é especiosa a distincção entre *habituaes* e *occasionaes*. Repugna identificar, ainda no seio de uma multidão de grévistas, levada ao crime, o operario laborioso e pacifico com o vagabundo ou criminoso conhecido, violento e rixoso, que aproveita o *motivo* para exercer seus actos costumeiros.

O remedio repressivo a applicar a um, não serve para o outro. Mas, aqui, bem se comprehende que o que determina a distincção não é o reconhecimento de caracteres anthropologicos, falliveis quasi sempre.

Ultimamente, collocando-se em ponto de vista propriamente juridico, Sighele, perante o Congresso de Amsterdam, expunha sua theoria, mais ou menos, pela seguinte forma:

A suggestão collectiva não supprime inteiramente a responsabilidade, mas a diminúe, em grandissima parte. Demais, a difficuldade da prova é enorme, porque, no meio da multidão envolvida por ella, a testemunha está sujeita a verdadeiras allucinações, a mentiras inconscientes.

E' no crime colectivo que domina, com toda sua força, o phenomeno da suggestão, agindo rapidamente e irresistivelmente. Não ha tempo para reflectir, nem para reagir; o individuo é positivamente arrastado. Dado que commetta um crime, bem pôde ser que sua consciencia honesta, na embriaguez moral do tumulto, esteja adormecida. Dispertada, após o acto criminoso, o homem de bem sentirá horror pelo que fez — e experimentará remorsos. Não pôde, pois, ser tratado como um criminoso vulgar. (*)

Desenvolvendo sua theoria penal, Scipio Sighele observou que os tribunaes italianos já a haviam accettato, mais de uma vez. E disse a verdade.

Florian, no recente *Trattato di Diritto Penale*, (escripto de collaboraçã com Pozzolini, Viazzi e Zerboglio) — dá noticia dos accordãos citados por Sighele, na ultima edição italiana da *Multidao criminosa*, e publica outros, não menos interessantes. Em geral, os juizes italianos, attendendo ao estado de semi-irresponsabilidade em que se encontram os criminosos em multidão, teem abrandado grandemente as penas taxadas no Codigo de 1889.

* *

Florian adverte que só figuradamente se pôde fallar em *crime colectivo*, e em *multidão criminosa*, pois a responsabilidade penal é exclusivamente pessoal.

Ninguém o contesta. Mas, nas condições em que um crime se commette no seio da multidão, o criterio da repressão penal não pôde ser o mesmo que determina a repressão de um crime commum, praticado individualmente. Esse ambiente de febre e de embriaguez, que os auctores descrevem, leva o individuo a alienar-se da sua personalidade. Um crime colectivo é phenomeno bem differente de crime identico commettido por uma pessoa ou por algumas pessoas *intencionalmente associadas*. Certo não é a «entidade social» constituída pela multidão, o agente do crime; são os individuos que a compõem.

(*) ACTAS do Congresso de Amsterdam, 1901, pags. 76-77. A discussão da these está mais adiante; pags. 414-421.

Entretanto, resta saber si os codigos vigentes fornecem seguros meios para apreciação e julgamento dessas manifestações delictuosas, que tanto abalam a ordem publica.

Ainda mais; é preciso vér si, ainda attenuadas extraordinariamente, são justas as penas que, na maioria dos codigos, se estabelece para certos crimes, como homicídio, roubo, incendio, ferimentos graves. etc., *quando applicadas a membros de uma multidão*. Florian parece satisfeito com a minoração da penalidade, tal como se pratica na Italia. Entre nós, um espirito de alto discortino e de vasta cultura, o dr. Clovis Bevilacqua pretende ser cousa facil a apuração das responsabilidades individuaes, no meio de um crime colectivo» (*Criminologia e Direito* — 1896, pag. 51).

Para o illustre jurista não é tarefa impossivel perscrutar os animos dos accusados, esmiuçar-lhes os actos, dividindo responsabilidades. (Depois, viria a medição mathematica das penas, temperadas com aggravantes e attenuantes, tal como se procede com os delictos individuaes !)

Sem idéa de desconsideração para com os mestres, ousamos sustentar que é mui estreita, contraria á verdade e á apreciação scientifica dos factos, essa maneira de resolver o problema.

A multidão não é só um *ambiente*, um *meio*; é, tambem, uma *condição* segunda, extraordinaria, que modalisa o individuo, que o transfórma, que o «despersonalisa» por completo. Apurar responsabilidades pessoaes, no meio de um delicto verdadeiramente impessoal, commettido por dezenas ou centenas de individuos, é cousa impossivel. Em verdade, seriamente, o mais que se pôde ter como averiguado é que taes e taes pessoas faziam parte do grupo. Nada mais.

Já vimos *como* procedem, e *porque*. Já sabemos que papel representam, nos movimentos convulsivos de uma multidão, a *imitação*, a *suggestão* e o *contagio*. Ainda podemos, aqui, lembrar, para recordação do que já deixámos firmado na primeira parte, o que escrevia a professor Debierre, tratando do assumpto que nos occupa :

«Os crimes tremendos commettidos pelas multidões, em tempos de revoluções e de convulsões sociaes, se explicam pela imitação e pelo contagio. A emoção começa, sóbe, levanta, como a maré; váe-se communicando dos sentidos de uns aos dos outros, como a electricidade entre as mãos dos que seguram na mesma corrente electrica; exalta-se, torna-se louca; o impulso, apparecendo em algum membro da multidão, irrompe como o vapor incandescente que sáe de cratêras vulcanicas; e todos seguem, desde os impulsivos e irreflectidos, até os indifferentes e timidos.

(LE CRÂNE DES CRIMINELS, pags. 366 e 367).

Mais adiante, Debierre falla em «embriaguez moral», para caracterisar esse estado de relativa irresponsabilidade a que são levados os individuos que delinquem em multidão. Sighele igualmente reconhece que ha um momento em que o delicto é louco, sem causas e sem fins, resulta de verdadeiro phrenesi, sem dominação do raciocínio e sem comprehensão dos actos praticados. O dr. Paulo Aubry affirma que «a multidão se torna inconsciente nos massacres».

Em que se parece o roubo ou o homicidio, commettido nessas condições, com igual delicto praticado por um só individuo ou por pessoas já ligadas por criminosa intenção? Tomando para base de argumentação o Cod. Penal Brasileiro, perguntamos: — é justo applicar penas de seis e quinze annos a homicidas quasi inconscientes, embóra tendo em grande consideração as attenuantes communs?

Um homem honesto, envolvido pela multidão, quebra um mostrador commercial ou arromba uma gavêta, tirando genero ou dinheiro. Qual é a pena, *no minimo*? Dois annos de prisão cellular! E as circumstancias aggravantes?! Preciso é contar com ellas. Admittindo a apuração das responsabilidades individuaes e o esmiuçamento dos actos praticados, teremos forçosamente, em caso de homicidio, de attender ás aggravantes da superioridade em armas, do motivo frivolo, da surpresa, do arrombamento, etc. E haverá cousa mais absurda, em se tratando de crimes perpetrados por grupos heterogeneos, formados occasionalmente, sem idéa fixa e sem rumo?! Os juizes italianos teem sophismado a lei penal, para acudir a taes situações embaraçosas.

No Brazil, seria preciso fazer o mesmo, pois o nosso Codigo, na parte geral, como em outros pontos, derivou em linha recta do Codigo-Zanardelli.

* *

—Afinal — perguntará o leitor paciente e amigo—qual a solução que você tem a audacia de apresentar?

E responderei, sem falsa modestia e, tambem, sem vangloria. Já foi dada em parte uma solução razoavel. Eu, aqui, apenas lhe proponho a ampliação.

O eminente dr. João Monteiro, da Faculdade de S. Paulo, tratando dos delictos commettidos em *rixa* ou *collisão de individuos*, opinava no sentido de se estabelecer uma pena especial, moderada, para o «facto de ser parte ou membro do grupo», não tendo em grande consideração os resultados materiaes da lucta. Entendia o mestre ser absurdo apenar com 30 ou 24 annos de prisão cellular, o homicidio commettido em tumulto, onde

bem não se podem destacar as responsabilidades, pois, no meio do disturbio, todos *dão* e todos *apanham*.

Com maior força de razão, se pôde dizer que é iniquo applicar as graves penas de homicidio e de roubo a individuos que matam ou saqueiam, fazendo parte de uma turba, que os arrasta e os allucina.

Ao lado dos delictos commettidos por individuos, mais ou menos conscientes, se deve escrever, nos codigos penaes, o facto de fazer parte de uma multidão que delinque, sendo as penas muito inferiores ás estabelecidas para os mais graves crimes praticados, ~~admittindo~~, como aggravante especial, a circumstancia de já ter sido o individuo condemnado por delicto de igual natureza, praticado em condições diferentes. O que a lei penal deve punir é a condição de ser membro de um uma multidão criminosa. Será isso um delicto *sui generis*, igual a muitos outros consagrados nos codigos.

Gabriel Tarde havia notado que o jury decidia sempre absurdamente, quando tinha de julgar « crimes collectivos ».

Considerando um crime collectivo como simples somma de actos individuaes, acreditando que cada um dos accusados, estando fóra do grupo, seria capaz de proceder pela mesma fórma, — o jury ou augmentava ou diminuía excessivamente a responsabilidade de cada um, por não ter seguro criterio de apreciação. Com o systema que, ora se propõe desaparece o perigo dessa maneira de julgar.

Outra solução que me occôrre, de momento, é a de constituir uma circumstancia attenuante, de força muito particular, o facto de haver o individuo agido como membro de uma verdadeira multidão, só podendo o effeito dessa attenuante ser contrabalançado pela aggravante da reincidencia. A quem tivesse procedido nas condições indicadas, só poder-se-hiam infligir as penas da cumplicidade, tendo em vista as attenuantes que fôsem applicaveis, como a menoridade, o bom comportamento anterior, etc.

A attenção dada á reincidencia (caso o primeiro delicto tivesse sido praticado individualmente) serviria para repressão dos criminosos verdadeiramente temiveis e, até certo ponto, individualisaria a pena, sem deixar, tambem, de lhes ser levado em conta o arrastamento provocado pela multidão.

Esta solução parece-me, entretanto, menos accetavel do que a outra; porque, collocado no ponto de vista da actual legislação penal nossa, um criminoso primario, homem sério, envolvido em multidão homicida, poderia ser condemnado, no minimo, a 4 annos de prisão cellula...

Termino, pois, recommendando ao estudo dos doutos, a primeira solução proposta: — a criação de uma figura criminal *sui generis*.

EVARISTO DE MORAES

A LIVRARIA

ODES E ELEGIAS — MAGALHÃES DE AZEVEDO — ROMA.

Sómente á sombra de uma velhissima columna do Palatino, vendo faiscar nas lages imperiaes o Sol sempre novo do Latium, ou no alto do Pincio, sob um múrmuro loureiro, dominando os horisontes gloriosos da Campanha, poderia um poeta ter meditado e creado esses versos, de um tão elegante geito latino, de um tão nobre classicismo, atravessado um pouco da nervosidade, que se não pôde conter, do artista moderno.

Em outro meio, em outro ambiente, onde se não respirásse aquelle ar saturado da Grande Historia, onde não fôsse a paisagem em todos os aspectos enquadraada pelos vestigios dos monumentos do tempo heroico, onde tudo, céo, campo, cidade, colinas, vias, jardins, templos de pé e palacios derrocados, não lembrásse um passado que sempre com emoção lembramos — um poeta, mesmo de tanto talento, e de musa tão dócil, não poderia resuscitar com exito esses velhos metros e esses velhos rythmos latinos, conservando, como o faz o sr. Magalhães de Azevedo, com o sabor classico, um pouco da voluptuosidade e do amaneirado dos romanos da decadencia.

A tentativa da adopção de taes rythmos na poesia portugueza, como já ha feito em outras linguas, menos capazes de supportal-os, parece dar resultado excellente através dos poemas desse distincto brasileiro, por isso que os seus quadros, esboçados sobre um fundo romano, completados por um espirito francamente latinizado, encontram naquelles metros desaparecidos, mais um meio de exprimir os sentimentos ou as visões da antiguidade classica.

Não cremos, entretanto, que a fórma preconisada nas *Odes e Elegias*, quando se tratar dum aspecto da vida moderna, em que nenhum lado lendario ou heroico da historia romana ou grega, possa ser invocado, se preste da mesma fórma; antes nos parece pouco artistico o contraste entre um rythmo que nos embalou sempre com os échos de grandes cousas passadas, e as paisagens e paixões deste seculo, já servidas por uma poetica de fórma maleavel, melodiosa, colorida, propria a desenhar os mil suaves contornos da sentimentalidade do tempo presente.

O proprio auctor deve ter palpado a asperesa desse contraste, porquanto, ás vezes, sentindo que as figuras do quadro não possuem a mesma vetusta physionomia greco-romana, serve-se do sempre novo e fulgurante decassyllabo, manejando-o com raro vigor e completa sciencia. Leiam *As abelhas*, *Sinfonia das Fontes*, *Dois Mundos* e *A Cantora*.

O poeta consegue um outro effeito, que auxilia enormemente a illusão de estarmos lendo um latino: é a sua *maneira*, como diria um pintor, imitada com muita graça e finura dos eglocistas. As expressões « chilreiam estivas cigarras », « hortas humildemente uteis » e outras semelhantes, não parecem vertidas dos classicos?

Comtudo, neste livro, a sua adjectivação sempre tão feliz e cheia de encantador imprevisto, pareceu-nos por vezes falsa, e de um rebuscado falho. Positivamente não conseguimos gostar de modos de dizer, taes como: « tom robusto » (de uma vóz); « Venus deliciosa e formidavel » (a estatua do Capitolio); « sorriso gracioso e magnifico » (das figuras de marmore), etc.

De outro lado, em alguns poemas deste volume, ha o senso do grandioso e do tragico, mas o estylo é frio e hirtito... Quizéramos que sobre o desenho severo, lembrando um pouco as frisas gregas, se esbatésse um colorido mais vivo, como nas pequeninas *manchas* do livro de Albert Samain, *Aux Flancs du Vase*; quizéramos que em todos presidisse o encanto fundo e dominador que existe nos versos *Escuridão*, ou a amorosa vitalidade que nos delicia nas estrophes *Dois Mundos*.

Mas, isto é muito pouco desgostar, diante da impressão magnifica que nos deixou a leitura desse ultimo livro do joven e illustre brasileiro, de certo inferior em inspiração aos anteriores, mas denotando um fino espirito do seculo, accôrde com as grandezas do Passado, e um vigoroso cultor da lingua.

* *

PAMPANOS, SONETOS — COSTA GOMES — MARANHÃO

Depois de tratarmos de um espirito nobre e profundo, vem-nos difficilmente o tom preciso para dizer de um poeta ingenuo, cheio de encantador provincianismo, provavelmente muito moço.

Só a sabia ingenuidade dos vinte annos podia fazer nascer essa lembrança imprevista de offertar um livro, que se atira aos azáres da publicidade, aos dois magnos *leaders* das lettras patrias, os srs. Sylvio Romero e José Verissimo; só um infantil illusionismo assentaria um futuro de paz no seio da Critica, nas opiniões-dogmas a res-

peito dos destinos da poesia e da missão do poeta, tiradas dos escriptos dos dois eminentes homens de letras, e exaradas, como uma prédica que se não deve olvidar, na primeira folha do livrinho; só uma fé sincera nos effeitos da *réclame* faria estampar em leve tira de papel da ultima hora, grudada á capa, a impressão d'além-mar de um escriptor lusitano, recebida á leitura de alguns sonetos do auctor dos *Pampanos*.

Entretanto, o sr. Costa Gomes não necessitava desses artificios, significando vãos temôres, para enfrentar uma critica sincera e incapaz de magoar illusões.

Valha a verdade que aos seus versos, de optima factura, e escriptos em correcto vernaculo, falta justamente o que pedem aquelles dois grandes guardas das letras, isto é, lyrismo espontaneo e sincero; falta-lhes tambem novidade, falta-lhes sobretudo inspiração pessoal.

A inspiração é a mesma que serviu aos melhores padrões da poesia nacional contemporanea, e o proprio sr. Costa Gomes, viu-se obrigado a dedicar o soneto imitado das *Pombas*, a Raymundo Corrêa. Porque não resalvou com o nome de Olavo Bilac o soneto *Contigo*, francamente tirado de *Ouvir estrellas?* Porque nos não faz uma apresentação em regra desse outro soneto, que trata de uma visita á casa abandonada, onde nem a voz de sua mãe escuta, e onde, pela chacara paterna

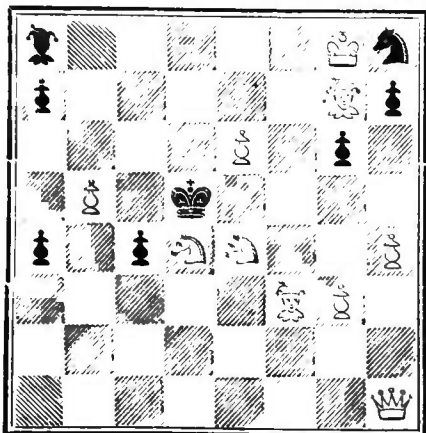
Cada tronco soluça uma elegia,
Murmura uma saudade cada pedra!...

Se o sr. Costa Gomes é moço, auguramos que, de posse de uma versificação tão facil, e tratando discretamente a lingua, como o faz, poderá ainda abandonar os moldes já vistos, e fazer cousa sincera e sua, de accordo com o talento que lhe adivinhamos.

L. B.

DIVERSÕES

Problema n. 12 -- NEGRAS



As brancas jogam. Mate em tres movimentos.

O ALMIRANTE (15)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO IX

A meia noite, a marquezia permanecia ainda á janella do quarto de dormir, ora meditativa, ora fitando no céu limpido, as constellações rútilas, luminoso enchame surgindo do horisonte, numa arribação de outro hemispherio, por trás da ramaria escura do frondoso arborédo do parque silencioso. O cheiro capitoso das gardenias, a pontuarem de manchas alvas os canteiros, recentemente desbastados das hervas damninhas, de mistura com as fragancias das rósas, sobreviventes ao longo abandono, se lhe figurava uma linguagem mysteriosa de amigos esquecidos, de amigos mortos, em comunicação telepathica através do espaço infinito, avivando-lhe a saudade do Almirante, a esperança de tornar a vêr, dentro de um mez, essa creatura amada, concentrando o immenso affecto, que era a summa do amôr de mãe e esposa, vencido pela fatalidade. Ella estava alli, só, como uma exilada, a esperar consolação do somno, mulher inutil, separada por uma barreira lugubre da perspectiva dos idéas das mãis obscuras; como Marianninha, victoriosa no seu ninho povoado de vigorosa próle, ella estava privada do encanto de sobreviver nos filhos; e, para socegar o seu espirito errante, fugitivo do cerebro, fixava a attenção em coisas que lhe restituíssem o sentido das coisas vivas, acompanhando os rumores vagos do trabalho incessante da eterna força creadora e fecunda, agindo na tréva de concerto com o trillo dos grilos, ás martelladas sotúrnas dos sápos no ambiente saturado pelo filtro magico das flôres, sequiosas de pollen.

Naquelle silencio tristonho, naquellas moitas escúras, agitadas pela brisa marinha com um ruido de sêdas amarrotadas, viviam e se transformavam legiões, que se amavam, que se reproduziam, que se destruiam em luctas ignoradas, vencedoras e derrotadas, glorias e miserias mudas, sem repercussões de hymnos ou gemidos, na submissão ás implacaveis leis da vida univernal. Ella, rica, vigorosa e bella, fadada para collaborar na grandeza do seu meio, se contaminára do ascetismo estéril do convento, chegando, depois de ephemero percurso pelas altas regiões mundanas, á velhice prematura, como um destroço de naufragio, uma vencida sem combate. Restavam-lhe, sómente, de sua actividade creadora, os tumulos dos filhos, na alamêda de jaqueira, ou, no cemiterio, encerrados em pomposo mausoléu, onde dormiam o eterno

somno ao lado do pae. Oscar era a esperança consoladora amenisando a inolvidavel saudade, que a cruciava.

Mas, a atmosphéra começava a resfriar, e a temperatura deprimida lhe transmittia estranho máu estar, ligeiras dôres errantes, attribuidas á trépidação do wagon durante muitas horas de viagem. A marquezia fechou a janella e, á tenue luz de uma lampada veladora, despiu-se com uns gestos lentos, fatigados, e derreou-se no sumptuoso leito que fôra o seu tálamo e lhe recordava, naquelle instante, as incertezas, as afflições de moça, ante as revelações do primeiro passo, no limiar da vida de esposa, a lhe occorrerem em desapoderado tropél, com os pensamentos, as tentações diabolicas, tão frequentes outr'ora, durante a sua clausúra de educanda das freiras, e reincidentes com a viuvez.

A carta de Oscar era um derivativo. Ella a releu repetindo em voz alta as phrases de ternura filial, transbordando, eloquentes, daquella alma selecta. Elle divagava em considerações sobre o futuro; mantinha o proposito de não pensar no casamento, que deveria realizar no momento indicado pelo destino, sem plano, sem o minimo calculo, sem processo de escolha meticulosa, acolhendo aquella que lhe surgindo no caminho lhe despertasse o coração enrijado pela vida do mar. Mas, o tempo não se faz cúmplice dos projectos humanos, nem espera que elles chegem á maturidade: a occasião inesperada não se apresentava, e já o bello homem ia perdendo, com as illusões, os cabellos precocemente salpicados de branco. Referia-se ás cartas de Amelia, muito correctas, muito carinhosas e reservadas, nas quaes se lhe percebia, através dos véos do pudor, o coração dictando a mêdo o segredo de uma afeição dominadora, e recalçada sob a fidalguia de maneiras frias e altivas com enorme esforço de vontade. E isso o magoava, penetrando o seu espirito ennobrecido por intensa cultura, como um sôpro perturbador da calma inalteravel e alegre, que elle considerava o seu precioso quinhão de ventura. Accusava-se de impassibilidade, de indiferença, que attingia á descortezia, a mais feia pécha de um homem superior. Figurava-se-lhe um dever ir ao encontro daquelle amor, poupar á pobre Amelia o martyrio de occultal-o e a violencia ao pendor de o denunciar, quando lhe cumpria, como homem, perceber-o, adivinhal-o como se percebem pela fragancia as flôres escondidas, custasse-lhe isso sacrificio sublime, que não tinha coragem de praticar, elle, um estoico, um bravo e um meigo, capaz de arriscar a vida por um impulso de piedade, de altruismo vulgar.

— Pobre Amelia! — murmurou a marquezia, abandonando a carta, e ven-

cida afinal pelo somno—Não te ama... não te ama...

O resto da noite, passou ella em continuo desassocego, assaltada por sonhos máus, estorcendo-se entre carráscos a lhe apertarem a cabeça num circulo de ferro. A' frente delles, um frade de severo rosto esqualido, o espectro do director espiritual do convento, lhe exprobase em tom rúde, com palavras obscenas, iniquidades de pensamento, o horrendo peccado de succumbir á tentação pelo amor ás grandezas, aos gosos sumptuosos, ás injuncções do demonio da vaidade, abandonando o refugio do tribunal da penitencia e o soccôrro efficaç da oração. Deus lhe punira as faltas, amaldiçoando-lhe o ventre, fulminando-lhe os filhos e arrebatando-lhe o marido. E como a pobre se prostrásse em lamentosos protestos de arrependimento, o terrivel frade, abrazado em subito furor, desatava da cintura o cordão nodoso, rasgava-lhe os vestidos e lhe flagellava, cruelmente, o corpo nú, exposto aos olhares cúpidos dos algôzes. No auge do supplicio, despertava estremunhada, a bôcca sêcca e áspera, o peito opprêso e o coração a tremer em angustiado descompasso. Não ousava abrir os olhos para perceber a realidade ; recaía na letargia invencivel, e o somno continuava noutro scenario, com outros personagens lúbricos, monstruosos, a lhe lamberem os stygmata da flagellação, a lhe morderem os labios com beijos encandescidos, a conchegarem ao seu bello corpo dolorido as pelles felpudas de longas crinas ásperas espetadas, despedindo emanações acres, filtros eróticos, de uma lascivia brutal. Libertou-a, finalmente, desse inferno, uma languidez de ébrio e um delicioso repouso de instinctos saciados.

Ao despertar, ella percorreu com os olhos machucados, turvos de horror, o quarto invadido pela claridade do sol, coado das persianas. Junto della, estava a creada, contemplando-a com semblante piedoso e offerendo-lhe, sobre uma bandeja de prata, o café matinal. Soergueu o busto, inundado em suor ; apoiada nos traveseiros, passou pela frente a mão tremula para varrer as nevoas do sonho macábri ; palpou, gemendo, as nádegas, onde sentia ainda as contusões do cortante látigo do frade ; e, com o rosto livido, deformado por uma pungente expressão de asco, murmurou offegante :

— Que horror !

Ergueu-se, afinal, com esforço, envolta num amplo roupão de flanella, ornado de opulentas e tenues rendas ; e, caminhando trôpega, mirou-se ao espelho. Os cabellos, muito crespos, desgrenhados, os olhos amortecidos dentro de orbitas lívidas, os labios entreabertos, dilatados em angustia,

lhe davam o estranho aspecto de secreto pavor.

— Seria isso loucura ? — murmurou — Seria um sonho máu ?

Não era a primeira vez que esses pesadellos a assaltavam ; nunca, porém, com tanta intensidade. O dr. Sumer os attribuiu a irregularidades de estomago, a superexcitação de nervos, e aconselhára repouso, distracções tranquillias, ou uma viagem á Europa. Ella não podia acreditar que os seus nervos lhe infligissem tão cruel supplicio, a tortura daquelles sonhos infames. Era urgente cuidar da saúde, consultar um medico, um especialista.

A creada abriu a larga janella e o sol alastrou pelo quarto a sua intensa luz amiga, afugentando os phantasmas monstruosos, e tocando de tons alegres os moveis, as tapeçarias, o leito que fôra, havia poucas horas, grêlha de horrendo soffrimento.

(Continúa)

ENSINO OBRIGATORIO

Sr Redactor — Só hoje, por muito atarefado, pude inteirar-me das considerações feitas pelo sr. Theodoro de Magalhães, em uma carta que dirigiu a essa distincta redacção, a proposito dum artigo que publiquei no n. 13 d'Os Annaes, de 5 do corrente mez.

Nessa missiva, lamenta o seu auctor que eu tenha omittido outras tentativas feitas no antigo regimen e o nome de outros brasileiros illustres que têm pugnado pela introducção, em nosso paiz, duma lei de ensino primario obrigatorio, e cita, entre estes, Leoncio de Carvalho, Couto Ferraz, João Alfredo, Sylvio Roméro e outros compatriotas nossos, que tambem já se empenharam nessa nobilissima cruzada, ou já lhe trouxeram, pelo menos, o concurso do seu elevado apoio.

Devo dizer que no meu ligeiro artigo, inserto n'Os Annaes, artigo que faz parte da monographia *A Infancia Abandonada*, em elaboração, por incumbencia do illustre sr. ministro da justiça, eu não me propunha, de modo algum, fazer o historico das tentativas duma legislação sobre ensino obrigatorio e, ainda menos, uma resenha das opiniões que a esse respeito têm sido externadas em nosso paiz,—o que, sobre ser enfadonho, pouco interesse viria trazer ao meu estudo, além de me ser muito penoso, com a escassez de tempo de que disponho para o desempenho da minha tarefa (seis mezes apenas). O que eu quiz alli, antes de mais, foi, de passagem, fazer algumas «considerações geraes» ácerca de tão momentoso assumpto, por julgal-o como constituindo um dos pontos para que os governos devem olhar sem demora e sem vacillações, na repressão e na pro-

tecção ás crianças criminosas e moralmente abandonadas. Quando me referi, pois, a Olavo Bilac e a José do Patrocínio, foi por terem sido estes, dos nossos intellectuaes, os que mais recentemente fizeram referencias ao assumpto e cuja impressão, portanto, mais accentuada estava e melhor dizia com a nossa situação actual.

Affirmando que Olavo Bilac «levantou a bandeira do ensino obrigatorio» eu não fiz mais do que repetir uma expressão de Patrocínio—acertada, de resto, porque a bandeira dessa nobre causa, que fôra erguida na monarchia e tinha sido posta de pé algumas vezes, cahira afinal no esquecimento. Outro campeão, portanto, e bem illustre, podia tornal-a a «levantar». Foi o que eu me esqueci de dizer : que era um novo «levantamento».

Confesso mesmo que nesta questão de ensino obrigatorio e do interesse que lhe tivessem dispensado no regimen decahido, apesar de todo o respeito e de toda a admiração que me merecem os nomes citados pelo meu illustre contestante, a nenhum maiormente venéro do, que ao do eminente sr. Ruy Barbosa, que o distincto articulista exactamente se esqueceu de citar.

Pois bem, em 1882, o sr. conselheiro Ruy Barbosa apresentou ao governo Imperial um relatório substancial e magistral, como todas as peças elaboradas por s. ex. — no qual largamente se occupava da materia, opinando tambem pela introducção, em nosso paiz, do ensino obrigatorio.

Lí esse trabalho ha muitos annos, e delle conservo apenas vagas reminiscencias.

Em meados ou fim de dezembro ultimo, se não me falha a memoria, antes de traçar o alludido artigo, escrevi ao sr. conselheiro Ruy Barbosa, solicitando informações de s. ex., sobre a data da publicação do seu trabalho no *Diario Official*.

Poucos dias decorridos, tive a felicidade dum encontro com s. ex. na livraria Briguier, onde me deu a honra de informar tudo quanto eu desejava, pondo á minha disposição um exemplar do seu relatório. Já, porém, o meu artigo estava publicado.

Eu me explico melhor, e dou fim a esta longa exposição : quando estampeo o referido artigo era já resolução minha amplial-o mais tarde, antes de leval-o á impressão definitiva.

E' opportuno portanto, confessar, e ninguém poderia melhor testemunhal-o do que o eminente dr. Ruy Barbosa — que mantendo a resolução em que já estava, havia muito, de augmentar e refundir o citado artigo, quando tiver de entregar á definitiva publicação.

Esta declaração me offerece mesmo o feliz ensejo de poder affirmar que,

não só aquelle como outros trechos, da minha monographia, que têm sido publicados em jornaes e revistas, serão remodelados e enriquecidos, se assim posso dizer, sempre que me pareça necessario, e até receber a derradeira amalgama.

O sr. Theodoro de Magalhães é escriptor tambem; e eu não farei a injustiça de suppôr que lhe não sejam costumeiros taes processos, que não o atraia sempre essa mesma ancia de aperfeiçoamento e de melhora.

Rio, 16 1 905.

FRANCO VAZ

A EMBAIXADA

A criação de uma embaixada do Brazil em Washington, repercutiu, em todos os circulos diplomaticos, como o primeiro passo da nossa preponderancia legitima na politica internacional das republicas sul-americanas.

O facto de coincidir esse movimento com as affirmações cathgoricas do presidente Roosevelt, dando feição definitiva á doutrina de Monróe, ao contrario do que suppõe a imprensa londrina, parece indicar que as duas nações estão de perfeito accôrdo no plano de defeza commum da integridade americana contra as pretenções do imperialismo europeu, desvanecendo o sonho da Allemanha Antartica, que teem, profundamente, impressionado a chancellaria norte-americana, aos seus publicistas mais notaveis e a sua imprensa de todos os matizes.

A esse pensamento e ao intuito de estabelecer um forte centro de resistencia pacifica, na America do sul, obedece o desenvolvimento da nossa marinha, assegurando ao Brazil o posto a que tem direito por todos os titulos, não só por ser o mais vasto e o mais rico, o mais populoso dos paizes da America meridional, como pelas tradições honrosas, entre as quaes fulgura a função de mantenedor da paz, da liberdade e da integridade do continente, especialmente dos povos visinhos.

Os povos fracos são timidos, oscilantes no desenvolvimento de sua capacidade mental e economica, sempre perseguidos pelo phantasma da ambição das nações fortes. Os novos elementos de defeza nos darão tranquillidade para proseguirmos com firmeza na conquista praiotica dos nossos idéaes, condensando, numa synthese grandiosa, a prosperidade desta parte do Novo Mundo.

A nossa politica internacional é demasiado evidente para se prestar a interpretações de subtiliza suspeita. Não se nos podem attribuir intuitos hostís e, muito menos, planos de expansionismo, que seriam, sob todos

os pontos de vista, absurdos, porque nós temos de sóbra territorio com variadissima e vasta capacidade para todas as fecundas applicações da actividade humana.

A embaixada a Washington não pôde ter a significação que lhe emprestam o *Times* e o *Morning Post*, de uma reincidencia da tentativa, tantas vezes falhada, de uma coalisção das republicas sul-americanas contra os Estados Unidos da America. Ella indica, claramente, um accôrdo, um estreitamente de vinculos, fortificando a solidariadada de interesses internacionaes contra ameaças, quiçá ephemerass, talvez exageradas, mas, em todo o caso, perturbadoras. Ella indica a concretisação de uma velha idéa que, desde a iniciativa de J. Blaine, abriu sulco profundo na opinião, e surge, agóra, victoriosa.

A embaixada de Washington é a mais solemne affirmação do prestigio do Brazil.

CANTIGA

Bem muito mais do que quem anda pelo
mar,
Quem dos teus olhos está proximo pe-
riga...
Eu aos teus olhos vou fazer uma can-
tiga
Que inda ha de ser uma cantiga de en-
cantar.
Vendo-os tão dôces, a luzir, não ha
quem diga
Que tu não tens uns negros olhos de
matar...
Ah! quem me déra que os teus olhos,
minha amiga,
Fôssem a minha eterna noite de luar!
E anda esta phrase pela rua a esvoaçar:
— « Que olhos, os desta petulante ra-
pariga! »
Feliz de quem, por te estar proximo,
consiga
Toda a caricia e todo o amor de teu
olhar!

PEDRO RABELLO

Notas sobre a theoria da pilha

Conhecidas as leis da electrolyse, enunciadas por Faraday, o effeito Joule nos circuitos electricos e o principio da conservação da energia, pelo menos no que diz respeito aos phenomenos de calor, era natural que se tentasse construir uma theoria da pilha, sob a condicção de a submeter

ulteriormente ao *criterium* experimental. Foi sob taes auspicios que Ed. Becquerel procurou em 1853 dar uma forma precisa á transformação electrochimica de um par voltaico, e conseguiu estabelecer dois principios geraes que pareciam, *à priori*, resolver o problema definitivamente. Conduziam elles a uma expressão das mais simples para a força electromotriz, isto é á mesma formula que demonstrou William Thomson em 1851 como consequencia de uma *mechanical theory of electrolysis*. A força electromotriz é proporcional ao calor de combinação da unidade de peso do electrolyto e ao equivalente electrochimico; o coefficiente de proporcionalidade é aliás o equivalente mecanico do calor. Este resultado contem implicitamente a seguinte proposição:

O Calor chimico é integralmente convertido em calor voltaico.

D'ahi se conclue que a comparação das forças electromotrices fica reduzida a simples medidas calorimetricas.

Mas para sancionar a formula de Thomson, ou, o que vem a dar no mesmo, os principios de Becquerel, restava o *controle* da experiencia, aliás difficil n'uma epoca em que escassejavam dados thermochimicos precisos. Todavia Fabre o fez em diversas notas publicadas nos *Comptes Rendus* da Academia de Sciencias, annos de 1853 a 1858, das quaes resultam confirmarem-se as idéas emittidas por Becquerel no seu segundo principio e se repellirem por completo as que se contêm no primeiro.

Em conclusão, a formula de Kelvin é inexacta e dá á força electromotriz um valor exagerado.

Como poderá parecer extranho que uma consequencia de principios firmados em leis rigorosamente demonstradas pela experiencia esteja com ella em desaccordo, façamos algumas considerações accessorias.

Si designarmos por R a resistencia do circuito exterior, por r a resistencia da pilha, por E a força electromotriz e por I a intensidade da corrente, a lei de Ohm prescreve que esta intensidade é o quociente de E por $R + r$ e a lei de Joule dá immediatamente para o calor Q desenvolvido no circuito exterior a formula $Q = R I^2$. Chamando agora q a quantidade de calor desenvolvida na pilha, o principio da conservação da energia auctorisa a escrever, si não ha pressão ou esforço antigravitacional a contrariar ou favorecer, de accordo com Becquerel,

$$R I^2 + q = J K L I.$$

No segndo membro J, K e L são respectivamente o equivalente mecanico do calor, o equivalente electrochimico e o calor de combinação por unidade de peso.

Becquerel suppõe sem que experiencia alguma o confirme, ser sempre $q = r I^2$ o que é aliás o seu primeiro principio. Concluisse-ia, então, $I (R I + h I) = J K L I$, ou $E = J K L$, que é a formula de Tomson, d'onde resulta que a inexactidão da formula é uma consequencia da hypothese enunciada no primeiro principio. Mesmo o principio da conservação da energia, cujo rigor seria difficil pôr em duvida após os trabalhos de Meyer e Joule, teve no caso figurado por Becquerel applicação legitima?

As experiencias de Fabre o confirmam.

Na epoca a que nos reportamos, os principios que serviam de base á theoria da pilha, continham, além da possivel avaliação das forças electromotrices por medidas calorimetricas, grandes promessas á industria dos electromotores. Suppunha-se, com effeito, que a totalidade do calor do circuito exterior seria convertido em trabalho mecanico utilisavel. Si, portanto, a pilha tivesse uma

resistencia interna extremamente fraca, recolher-se-ia integralmente sob forma cinetica a energia chimica posta em jogo. E comparando, então, os electromotores com as machinas thermicas, cujo rendimento é sempre muito inferior á unidade, todas as vantagens penderiam do lado dos electromotores. D'ahi a reluctancia em se condemnarem os principios de Becquerel, que a todo o transe se quizeram conciliar com as experiencias...

Hoje sabe-se que estes raciocinios são falsos e contrarios ao principio de Carnot.

Provado ser q diferente de $r l^2$ por experiencias que lhe pareceram decisivas, apezar das contestações de la Rive, Fabre foi levado a introduzir na equação acima uma resistencia adicional. Assim Fabre concluia que ha uma parcella de calor chimico que não concorre para produção de corrente, mas abstinha-se de formular qualquer hypothese sobre a natureza da *resistencia adicional*.

Na mesma ordem de idéas Raoult (1864), Edlund (1869 e 1883) e Hirn anteviram a possibilidade de se applicar á pilha o segundo principio da Thermodynamica.

Em 1878 Braun partia d'essa idéa fecunda e concluia que a energia chimica apenas indica o maximum possível da força electromotriz. Para a maioria dos pares voltaicos, estudados por Braun, a energia voltaica achou-se ser inferior á energia chimica, de acordo com suas previsões. Todavia os pares seguintes

Prata—Sulf. de prata—sulf. de zinco—zinco

Prata—Iod. de prata—Iodo—Carvão

Cadmium—Iod de cadmium—Iodo—Carvão

provaram uma excepção: o calor voltaico é para esses elementos superior ao calor chimico.

Taes anomalias vieram finalmente se esclarecer nos trabalhos de Gibbs e de Helmholtz, os dois eminentes physicos que simultaneamente tiveram a percepção nitida do papel que desempenha a variação da entropia nos phenomenos hydro-electricos. Mas é sobretudo a Helmholtz que se deve o estabelecimento da equação fundamental, isto é a formula de Kelvin com o termo complementar, que hoje não é licito desconhecer.

A deducção d'essa equação, provém, quer se a faça provir dos theoremas de Duhem sobre o potencial thermodynamico, quer se a considere uma consequencia das propriedades das funções de Massieu, o que fundamentalmente é o mesmo, exige — e tal é o ponto essencial da questão — a extensão do theorema de Clausius aos cyclos irreversiveis e a adaptação do mesmo theorema ao caso da pilha.

Deixaremos de parte as discussões que se têm suscitado em torno d'este problema de Physica mathematica e passaremos a analysar os estudos de Helmholtz e as consequencias que d'ahi derivam.

As antigas theorias — sem reportar-nos a Volta e contemporaneos, que concebiam o phenomeno voltaico em desacordo com a conservação da energia, a tal ponto que o movimento perpetuo cessaria de ser uma utopia — as antigas theorias, como ficou dito, estabeleciam a equação simplicissima $E = J K L$, que a experiencia jamais verificou.

Reconhecido que E é em geral diferente de E' , força electromotriz real, podemos escrever $E + E'' = J K L$, em que se procura determinar E'' .

Tratemos, para materialisar, do caso em que o electrode soluvel é o zinco.

Imaginemos que Zn. parte de um estado inicial, caracterizado pelo indice *zero*, para um estado final, caracterizado pelo indice *um*, esta transformação sendo em geral irreversivel. A esta operação, que se realiza no interior da pilha, façamos succeder uma outra artificial, mas reversivel, em virtude da qual o systema voltaria ao estado inicial. O cyclo descripto será um cyclo irreversivel e si considerarmos a integral de Clausius decomposta em duas partes, a somma das duas integraes é sempre negativa, pelo theorema de Clausius. Tem-se, pois, uma desigualdade, em que a primeira integral refere-se ao percurso irreversivel e a segunda á região reversivel do cyclo. Mas esta ultima dá logar a uma diferença de entropia $S_0 - S_1$, d'onde se conclue ser, para o cyclo completo, a primeira integral inferior ao accrescimento de entropia, contanto que se considere positiva uma quantidade elementar de calor fornecida ao systema.

No caso de uma modificação infinitesimal

ter-se-á simplesmente $dS > \frac{dQ}{T}$, em que S ,

Q e T têm as significações habituaes da Thermodynamica.

Em se tratando da pilha será $dQ = -$

$L dm$ e $dS = -\frac{L' dm}{T} - L' dm$ designando a quantidade de calor elementar desenvolvida em uma modificação infinitesimal reversivel, na qual se dissolve o peso dm de

zinco. Assim ter-se-á $-\frac{L dm}{T} + \frac{L' dm}{T} < 0$.

A' quantidade negativa do segundo membro, que é a transformação não compensada de Clausius, podemos attribuir a forma

$-\frac{L'' dm}{T}$. E d'ahi se concluirá $L = L' + L''$.

isto é:

O calor chimico total é igual á somma do calor compensado e do calor não compensado.

Esta proposição havia sido enunciada por Gibbs.

Para d'ahi deduzir a equação que rege os phenomenos voltaicos, Helmholtz admite o seguinte postulado, aliás demonstravel:

O calor voltaico é igual ao calor não compensado da transformação.

Façamos uma modificação infinitesimal, em que a temperatura varia de dT , a pressão de dp e ha a dissolução de um peso dm de zinco.

Ter-se-á uma equação da forma

$dQ = C dT + B dp - L' dm - L'' dm = T dS - L' dm$, pelo que ficou dito acima.

Ao mesmo tempo conclue-se a igualdade $\frac{dS}{dm} = -\frac{L'}{T}$ Introduzindo agora o principio de Meyer e a segunda função característica H' de Massieu, chega-se facilmente a $dH' = SdT + L'dm - Avdp$. Condições de integrabilidade conduzem evidentemente a

$\frac{dS}{dm} = \frac{dL'}{dT}$ donde por substituições

$\frac{dS}{dm} = \frac{dL'}{dT}$ donde por substituições

$$-E'' = T \frac{dE'}{dT}$$

Ter-se-á, pois, para forma electromotriz de um elemento voltaico

$$E' = J K L + T \frac{dE'}{dT}$$

que é a equação de Helmholtz.

Do facto de ser dS uma diferencial exacta.

conclue-se ainda $\frac{1}{JK} \frac{d^2 E'}{dT^2} = \frac{1}{T} \frac{dC}{dm}$ e

Applicando a dH' o mesmo principio acha-se

$$\frac{dE'}{dp} = -K \frac{dv}{dm}$$

Si em uma pilha o calor compensado, ou, o que é o mesmo, a diferença entre o calor chimico e o calor voltaico fôr independente da

temperatura virá $T \frac{dE'}{dT} = R$, R sendo uma

constante e d'ahi se concluem $\frac{d^2 E'}{dT^2} = -\frac{R}{T^2}$

e $E' = R \log T + U$. Si particularmente a totalidade do calor chimico fôr convertida em calor voltaico, E' se torna independente da temperatura e a capacidade calorifica permanecerá inalteravel durante as reacções que se passam no interior da pilha. A reciproca d'esta proposição, que é devida a Lippman, não é verdadeira.

Em conclusão a theoria de Helmholtz conduz aos seguintes resultados.

a — Si em uma pilha o calor chimico é superior ao calor voltaico, a força electromotriz diminue quando aumenta a temperatura, sob a mesma pressão.

b — Si o calor chimico é inferior ao calor voltaico, a força electromotriz augmenta com a temperatura, á pressão constante.

c — Si o calor chimico é igual ao calor voltaico, a força electromotriz é independente da temperatura.

d — N'este ultimo caso a capacidade calorifica permanece constante. (Lippman)

e — Si durante o funcionamento a pilha experimenta accrescimento de volume, a força electromotriz decresce quando a pressão augmenta. (Duhem)

f — Si ao contrario a reacção é acompanhada de diminuição de volume, a força electromotriz cresce com a pressão. (Duhem).

Não nos parece, porem, aceitavel a seguinte proposição do illustre auctor da *Mecanica chimica*: para que a diferença entre o calor chimico e o calor voltaico seja independente da temperatura, é preciso e basta que a reacção produzida no systema não altere a capacidade calorifica.

As consequencias *a*, *b* e *c* foram verificadas experimentalmente nas pilhas hydroelectricas por Moser, Czapski, Gockel, Jahn e Bouty ao mesmo tempo que as proposições *e*, *f* e *g* eram confirmadas nas experiencias de Gilbert. No que concerne os pares pyro-electricos, os trabalhos de L. Poincaré, Brown e Buscemi demonstram brilhantemente os mesmos theoremas. A pilha de Daniell para a qual se applicam as proposições *c* e *d*, Poincaré contrapoz o par pyro-electrico

